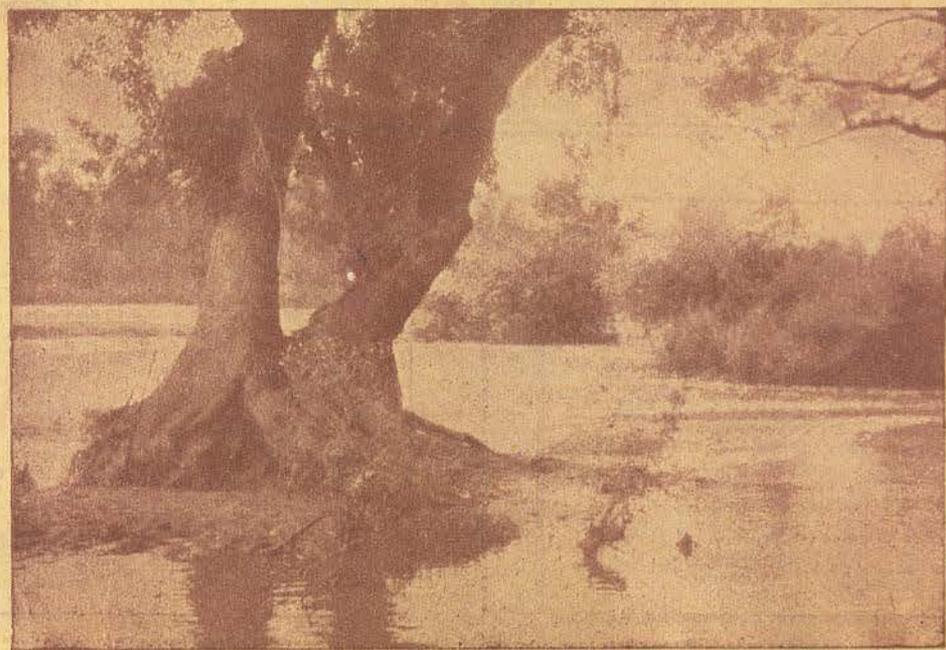


2ª SÉRIE
N.º 930

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

15-DEZ.º
1923

LISBOA



Um trecho do Choupal

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»
Redacção, administração e oficinas
RUA DO SÉCULO, 10 — LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHA- ADJACENTES E BRAS-
PANHA: Trimestre 13\$00. Semest. 26\$00
Ano 52\$00 — COLONIAS PORTUGUEZAS:
Semestre 28\$50. Ano 57\$00. — ESTRAN-
GERO: Semestre 36\$00. Ano 72\$00.

AGUA, CREME E PÓ D'ARROZ

Rainha da Hungria

Para a Beleza e Higiene da pelle, dando-lhe um avelludado e frescura incomparavel.
Não é untoso. As senhoras que o usarem tem uma pelle ideal

TONICO VILDIZIENNE

O tesouro dos cabellos

Faz crescer os cabellos
Cura a caspa, a canice, a calvicie e todas as doenças de couro cabeludo em todas as idades
e em todos os casos.

TINTUR VILDIZIENNE

Instantanea. A melhor e a mais rapida do mundo.

Depilatorio Vildizienne

O unico de resultados surpreendentes, garantidos e rapidos.

Depilatorio electrico radical e inofensivo

O unico que tira progressivamente os pellos para sempre, o melhor do mundo.
Resposta, mediante estampilha, á

Academia Scientifica de Beleza

DIRECTORA — MADAME CAMPOS

AVENIDA, 23

Telefone 3614-N.

DOENÇAS

De estômago, baço, fígado e intestinos; artríticas, nervosas e mentais; de ovários e útero e rins descaídos; por mais graves e antigas que sejam, *responsabilizo-me da sua cura*, evitando as operações, por meio dos meus especiais tratamentos *naturó-psico-magnetoterápicos*, com a *completa* exclusão de medicamentos ou drogas

Dr. Indíveri Colucci

Rua João Gonçalves, 20, 2.º Esq.

Esquina Avenida Almirante Keis ao Intendente;
TELEFONE, 2.783-N

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo escarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade; na consulta ou reembolso do dinheiro. Consultas todos os dias uteis das 17 as 22 horas e por correspondencia. Enviar 1\$00 para resposta da carta

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º Esq., (Cimo da rua da Alegria, prédio esquina).

É agora a melhor época para plantar
ARVORES DE FRUTO
ARVOREDOS-ROSEIRAS

CATÁLOGO GRATIS

Alfredo Moreira da Silva & Filhos
Rua do Triunfo, 5, — PORTO

Livros antigos e modernos
COMPRA E VENDE

Livraria Peninsular

79, Rua Poço dos Negros, 79

LISBOA — PORTUGAL

Fornecedores dos Restaurants
da Companhia dos Wagons-lits

ARMAZEM DE VIVERES

JOSE DE PINHO COSTA & C.ª (F.ª), Ltd.ª

69, RUA DA BITESGA, 73

(Primeiro quarteirão vindo da Rua Augusta)

Especialidade em pastéis de Belem
e doces de Cascaes

LISBOA

Telephone C. 2861



Todos os "Sports"



E' amanhã que em terras de Espanha os nossos jogadores de foot-ball se encontram com a seleção do país vizinho, e para eles vai, portanto, nesta hora de ansiedade e de incerteza, os melhores desejos de felicidade de todo o Portugal desportivo.

Diremos melhor de todo o Portugal, pois estamos certos que até os inimigos do sport — que os ha, posto que, felizmente, tendam a desaparecer — até eles anelam pelas primeiras noticias do resultado do encontro.

E' que se trata de onze portuguezes, que, animados pela sua grande mocidade, encorajados pela sua enorme fé, caminham para a victoria com um único pensamento, lembrando a gloriosa aventura dos doze d Inglaterra, levada a cabo por sua dama, a deste por sua Patria.

Nesta hora em que todos os clubismos são postos de parte, mesmo pelos mais aperrados a essa medonha politica, nesta hora em que nós imaginamos desenrolar-se ante a nossa retina, como no écran dum cinema, no écran do nosso espirito, a lucta travada entre as duas seleções, espanhola e portugueza, todos vemos, nitidamente, os nossos homens fazerem verdadeiros prodigios, portandose com lealdade e valôr.

Não é que nós queiramos esmorecer a esperança que anima, neste momento tolo o meio desportivo portuguez, mas, sempre é bom não esquecermos que uma victoria em Sevilha seria qualquer coisa de colossal, de estupendo como dizem os nuestros hermanos, e, como tal não nos devemos entusiasmar em demasia, ambicionando uma vict'ria esmagadora.

N que nós devemos estar certos é que a seleção portugueza ha-de saber representar-nos condignamente, levantando tão alto quanto lhe seja possivel o nome de Portugal.

Pelo esforço do onze portuguez na tarde de 16 em Sevilha, nós levantamos um grande: Viva!

Dos desafios de primeiras categorias jogados, no passado domingo, no campo de Palhavã, o melhor foi o primeiro, em que o Sport Lisboa e Bemfica e o Casa Pia Atletico Club empataram por 1-1.

No segundo jogo defrontaram-se os dois grupos do Império Lisboa Club e Club de Foot-Ball «Os Belenenses», ganhando este por 1-0.

O jogo desenvolvido no primeiro encontro foi rápido e coordenado.

O Bemfica apresentou-se em campo com algumas modificações na sua linha, uma delas, a passagem de J. Pimenta para o seu antigo lugar de defesa, modificação esta que já por mais de uma vez, tinhamos afirmado impor-se, visto que a defesa se encontrava enfraquecida e Pimenta é um magnifico elemento nesse lugar.

Na linha de ataque appareceu João Morais, afastado durante alguns anos do foot-ball, e que trabalhou muito bem; Ribeiro dos Reis passou então a ocupar o lugar de avançado centro.

O Casa Pia entrou em campo em dois elementos de segundas categorias Baltazar e Marques, que demonstraram possuir optimas qualidades.

Pinho, o magnifico defesa casapiano passou a substituir Candido de Oliveira, o capitão da *équipe*, no lugar de meia-defesa centro.

O primeiro grupo a marcar foi o Casa Pia, aos seis minutos de jogo por intermédio de Lopes, que rematou fortemente um belo centro de aza esquerda.

Um minuto depois o Bemfica conseguiu estabelecer o empate, por intermédio de Simões, no remate dum centro de Crespo.

O Sport Lisboa e Bemfica parece que vai protestar o desafio, alegando não ter o arbitro, Salvador do Carmo — que, aliás, fez uma boa arbitragem — validado uma bola, que afirmam ter sido defendida dentro das redes.

—O encontro Belenenses-Império foi inferior ao Casa Pia-Bemfica.

O jogo desenvolvido pelos dois grupos foi pesado, sem brilho e por vezes violento.

Durante todo o desafio, sómente o «Belenenses» marcou uma bola, no decorrer da segunda parte, derivada dum pontapé de J. Rio.

O dominio do jogo pertenceu nitidamente ao «Belenenses», sendo, no entanto enorme a falta de remate.

No decorrer deste jogo succedeu um desastre, que incomodou não só os jogadores como toda assistencia: o meia-defesa do «Belenenses» Alfredo Anacleto, ao chocar na corrida com um adversário, fracturou uma perna em dois sitios, sendo por isso retirado do campo.

Talvez mesmo por este precalce, o caso é que o jogo continuou sem interesse, monótono, até ao fim.

—Nos jogos realizados entre os grupos representativos das escolas superiores, a Faculdade de Medicina venceu a Escola Naval por 2-1 e o Instituto Superior do Comércio venceu o Instituto Superior de Agronomia por 6-2.

D. C.

Silva Poética



AS VINDIMAS

FINS d'agosto. Nas ramadas,
Pela tardinha, ao sol posto,
Pendem as uvas doiradas;
E ha perfume a vinho m̃sto
Suspenso d'essas ramadas.

Chega a vindima. Cantigas,
Festas, risos, gargalhadas...
E lá vão as raparigas
Como doidas revoadas—
Vindimar entre cantigas.

Essas moçoilas garridas
Com as sáias enfaxadas
Lembram papoulas perdidas
A surgir dentre as latadas
Sorridentes e garridas.

Queimado pelo calor,
Diz um velho:— «olá, Manel!
Corta os cachos com amor,
Mas que fique o Moscatel
Para mandar ao Reitor!»

Para os lados do montado
Que é sobranceiro ao caminho
Todo o cacho está mirrado.
Diz o povo que esse vinho
Teve sempre mau olhado.

Ha um constante vae-vem
De cestos grandes, pequenos;
Vae uma trova, outra vem...
Anda o aroma dos fenos
Beijando o verde azevem.

Sol doirado. Fins d'agosto.
Vindimas, sonhos, cuidados...
Que perfume a vinho m̃sto
Pelos campos vindimados
Onde morre o mez d'agosto!

O Lar

QUANDO NASCEU V. EX.ª?

Os astros teem grande influencia nas nossas vidas, segundo afirmam os entendidos. Ha planetas benéficos, ha-os tambem maleficos e conforme os que dominam na hora em que vimos a este mundo, assim serenos felizes ou infelizes.

Assim o planeta Sagitario, que rege o mez em que nos encontramos, pertence ao numero dos mais simpaticos.

A sua influencia vaé do dia 1 ao dia 22.

E' seco e frio, apparece quando toda a natureza se está preparando para resistir ao primeiro assalto do inverno. Portanto as pessoas que nascem sob a sua influencia são homens e mulheres de ação, destemidas e decididos; uma só ideia ou proposito as domina de cada vez, mas essa, seguem-na sem desvio ou vacillação, com uma tenacidade inquebrantavel.

São antes pessoas de ação que de reflexão, procedem sem pensar nas consequencias dos seus atos nem nas difficuldades que a sua conducta possa fazer surgir.

Andam sempre apressadas; nas conversas respondem sem quasi dar tempo a que o interlocutor termine a frase, chegando a cair ás vezes, no ridiculo.

Ao contar uma historia, teem tanta pressa de chegar ao ponto culminante que saltam sobre os detalhes de forma a tornarem-na incompreensivel.

Mas em compensação desses pequenos senões são extremamente leaes e verdadeiras, corajosas, cheias de abnegação de boa vontade, de simpatia e compreensão. Impulsivas e francas arranjam facilmente inimigos e perdem bons amigos pelos seus repentinos.

Quem nasce sob a influencia do Sagitario tem uma vida limpa e pura, é resistente e nervosamente energico.

Se no dia do nascimento a Lua tiver estado no Aquario ou no Peixe, haverá tendencia para trabalhos literarios ou imaginativos e o excesso de fadiga fará neuralgias, perturbações nervosas, podendo até chegar á loucura.

Teem disposições para critica sitirica.

Se a Lua tiver estado na Virgem haverá talento musical e habilidade para a architectura.

As doenças contra as quaes essas pessoas devem tomar precauções são; o reumatismo, dor sciatica e uma leve tendencia para doenças de garganta e tuberculose. Mas a doença mais perigosa para esses individuos é a falta de occupação, quem nasce sob o Sagitario cae numa neurastenia quando não pode empregar de qualquer maneira a sua actividade.

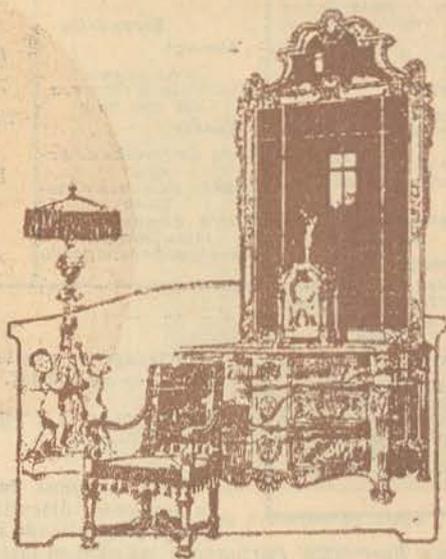
Fieis e affectuosos darão bons maridos e boas esposas.

A pedra preciosa a escolher é a turqueza, a flor, a flor do azeitinho.

As pessoas que fazem anos a 3, 4, 8, 9, 12, 14 e 17 deste mez serão felizes nas suas empresas e os seus dias auspiciosos para tratar de negocios serão os 2, 12, 13, e 17 e para frequentarem a sociedade apenas os dias 9 e 14.

ESTILO LUIZ XIV

Hoje, a gravura do nosso *en-léte*, não é para ser copiada, mas apenas para ser considerada a titulo de



curiosidade, pois não é com certeza nos tempos difficeis que se estão atravessando que nenhum de nós se abalancaria a mobilar a casa com esses pesados e luxuosos moveis que fizeram as delicias do longo e movimentado reinado de Luiz XV. Uma extravagancia desmedida dominava na córte desse rei e d'ahi, passava para as residencias dos cortezaões, que punham o seu maior cuidado em seguir as pisadas do seu real amo.

Todos espalhavam o dinheiro ás mancheias na decoraçào prolusa e luxuosos dos salões, na emulação de egualar a magnificencia dos palacios reaes.

Esquecendo, por um momento, as consequencias dessa extravagancia, não se pode deixar de admirar o esplendor da arte dispendida nos trabalhos dessa época. Apesar dos detalhes serem, na sua generalidade, por demais complicados para satisfazer as exigencias modernas, encerram alguns elementos que forçam a nossa admiração e merecem uma observação atenta.

A maior intensidade das guerras de religião havia passado e a arte sombria e pesada de Henrique IV e Luiz XIII ia ser substituida pelo brilho dos dourados e pelas encrustações que iam pairar sobre a severidade dos moveis como um sorriso suave.

O mobiliario desta época distingue-se pelas formas magestosas e pelas linhas massiças. Ainda, por essa ocasião, não havia apparecido o frenesi bravo de ornamentos que inaugurou o estilo Rocóco e os moveis apresentavam uma simetria que assegura um bom equilibrio no desenho.

E' particularmente interessante, entre os trabalhos da época, o que se conhece sob a denominação de Boule.

Esta engenhosa combinação de tartaruga e metal, foi levada a um alto grau de perfeição por André Boule.

Em muitos casos, havia paineis ou moveis exactamente eguaes em todos os detalhes, excepto que, nuns, o fundo era de metal e os ornamentos de tartaruga e, noutros, via-se o fundo de tartaruga e os ornamentos de metal.

Facilmente se depreende o razão deste facto, se nos lembrarmos que o metal e a tartaruga eram cortados ao mesmo tempo, de maneira que se obtinham duas series alternadas dos motivos.

Consideram-se mais artisticos e valiosos os Boule com fundo de metal, devido á forma maravilhosa como

CALENDARIO DA SEMANA

Dezembro — 31 dias

- 16 — Domingo — Santa Adalalde.
- 17 — Seg. da feira — S. Bartolomeu.
- 18 — T. reá feira — S. Brasillano.
- 19 — Quarta-feira — Santa F. ustina.
- 20 — Quinta-feira — S. Domingos de Silos.
- 21 — Sexta-feira — S. Tomé.
- 22 — Sabado — Santo Honorato.

MENUS DA SEMANA

| |
|---|
| Domingo |
| Almoço Arroz de passarinhos Bifes fritos com salada de alface Café ou chá |
| Jantar Sopa de rabo de boi Lagosta à bordaleza Vaca à la mode com molho de agriões Geleia de ananaz |
| Segunda-feira |
| Almoço Bacalhau à Bechamel Ovos fritos com molho de tomate Cacau |
| Jantar Sopa de macarrão Pescada frita com salada de batatas Costeletas de carneiro assadas Cake com passas |

| |
|--|
| Terça-feira |
| Almoço Carne cozida Bacalhau à franceza Café com leite |
| Jantar Sopa de farinha de batata Fígado de vitela à italiana Vite a assada com batatas soufflées Merengue de pera parda |

| |
|---|
| Quarta-feira |
| Almoço Tomates recheados Turca Bacalhau à Carmen Sanchez Cacau |
| Jantar Sopa de meudos Carne estufada Pato e nabos Sonhos à la mode |

| |
|--|
| Quinta-feira |
| Almoço Eiros de valdeira Omelete à franceza guarnecida com pastéis de macarrão Chá ou café |
| Jantar Sopa de arroz e couve lombarda Congro refogado Lombo de porco assado com salada de pimentos Sopa de príncipe |

| |
|--|
| Sexta-feira |
| Almoço Frituras de peixe Codornizes assadas com arroz Café com leite |
| Jantar Sopa Parmentier Pargo à holandesa Fígado de vitela na grelha guarnecido com espinafres e ovos cozidos Pastéis doces de arroz |
| Sabado |
| Almoço Ovos verdes Bifes enrolados Cacau |
| Jantar Purê de hortaliça Lingua de vaca à camponeza Carne assada com grelos de couve Pudim de chocolate |

a tartaruga se presta para as figuras embutidas.

RESPOSTAS AO INQUÉRITO

Numa pequena reunião de senhoras, discutia-se o Inquérito publicado na penúltima

última *Ilustração Portuguesa*, na qual se fazia uma interrogação ás leitoras. Diferente foram as opiniões. Ei-las:

Depois de declarar ao marido que o acaso me tornara conhecedora do grande peadelo que lhe absorvia o pensamento, dir-lhe-ia que partisse, deixando, só, aquela que entregava ao Destino o encargo de a vingar.
Assinar o divórcio, nunca!
Seria o unico castigo ao alcance de uma esposa infeliz.

J. O.

A minha opinião era não sair da minha casa e não me divorciar.

M. L.

Sofreria silenciosamente a minha infelicidade, mas não assinava o divórcio, para que ele não soffresse menos do que eu.

P. R.

Não querendo de forma alguma ser um obstaculo para meu marido, dava-lhe toda a liberdade, concedendo-lhe o divórcio.

F. M.

A minha opinião era divorciar-me, mas nunca sair de minha casa.

M. C.

A minha opinião seria: deixar plena liberdade ao marido, para casar com outra, isso nunca! No entanto, ficaria só, soffrendo a minha grande dor.

P. P. P.

ALGUMAS PALAVRAS A PROPOSITO DE MEZAS

Muito pode aprender quem for inteligente e estudioso percorrendo a historia das mesas desde tempos remotos até aos nossos dias. Quando, na Europa, as tribus nomadas principiaram a fundar colonias estaveis, permanecendo, durante um periodo mais ou menos longo, nas mesmas paragens, movidos por um instinto de requinte, procuraram tornar mais agradável a sua habitação. Nesse tactear em busca do conforto, tiveram a ideia de abandonar as refeições feitas á pressa, entre a limpeza da arma e a partida para a caça e para não terem que ir buscar terra para ali apoiar os objectos de que se serviam collocaram umas pranchas rudes sobre uma armação

tosca e informe. As primeiras mesas, apenas construídas com fins utilitarios, dispensaram toda a especie de decoração, aliás ignorada por aqueles espiritos incultos. A medida, porém, que a humanidade avançava e que o seu senso artistico se desenvolvia, principiaram os objectos a tomarem um aspecto mais gracioso, e os destinos praticos a que eram destinados já não os inibia completamente de contribuirem no seu tanto para a beleza desse lar, ainda apenas muito vagamente entrevisto; mas só na Edade-Media é que começou verdadeiramente a existir na Europa a arte, saindo desses mosteiros que elevavam, sobre as cidades, como uma benção, as suas torres goticas.

Então, apareceram gravadas nas mesas verdadeiras maravilhas. A madeira deixou de ter o seu aspecto grosseiro e solido e querendo esconder essa resistencia de que não esqueceu a beleza, mas esqueceu a alegria.

Porém, havia um traço comum a todas elas: eram extremamente longas e relativamente muito estreitas, porque só no seculo XIX os convivas se sentiram bastante seguros para voltar as costas á porta da entrada. Até ali, de costas apoiadas á parede, com a mesa firmada em quatro fortes pés unidos por travessões, mais pareciam reunidos atraz de uma barricada com ideias de defeza propria do que em volta de um movel feito para fins sociais.

Hoje, sempre acompanhando a vida, a meza é ligeira, pronta a alargar-se, abrindo-se num movimento hospitaleiro; como parecia envergonhar-se, tomou a apparencia de uma renda, entrelaçando arabescos em ogivas com delicadissimas rosaceas.

Se tivesse espaço para me alongar sobre o assunto, seria curioso ver como os habitos e a vida social das epochas influenciaram poderosamente sobre a arte.

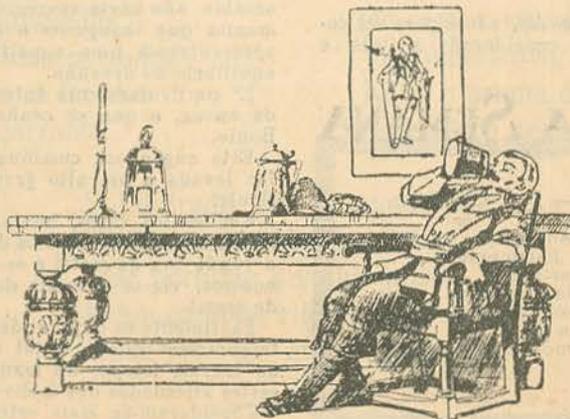
PENSAMENTOS

Em amor, as mulheres ultrapassam os homens; mas, na amizade, são os homens que as suplantam.

La Bruyère

Quem se ri está contente,
Quem está contente é feliz,
Mas cala-te, coração;
O que sentes não se diz.

Julio Diniz



SEARA ALHEIA



Única maneira de encontrar cadeira, nos «dancings», quando se quer descançar.

(De Punch.)



A patroa—(d'creada)—
Esta carne precisa, pelo menos, tres horas para coser bem. Voçemecê calcula ainda estar esse tempo cá em casa?

(De Judge.)



No Hotel do Príncipe de Gales

—Hein? O que?... Sim, senhor... E' o Príncipe de Gales que está ao aparelho...

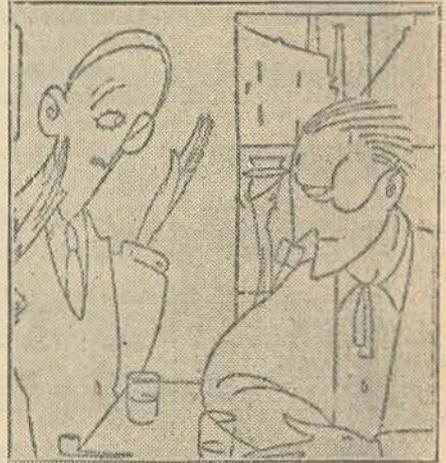
(De Punch.)

—Avó, também quero ir lá para fóra, brincar com a bola!

—Mas porque não vaes, meu filho?

—Porque quero ficar aqui a brincar com o caminho de ferro!!

(De La Petit Parisien.)



O INGLEZ — Pois bem, o que disser a maior mentira, ganha uma garrafa de «champagne».
O NORTE-AMERICANO — Acerto. Era uma vez um «gentleman», em Nova York...
O INGLEZ — Basta! Dou-me por vencido!...



—A lucta contra o alcool, tem graça? Como se não fôssemos nós os seus prim'iros inimigos?!

(De Pasquino.)



—Mas quando é que vem o pintor, para acabar a crasa!...

—Diz-me, sempre, que vem amanhã! Deve ser um idesses futuristas em que por ahí se fala tanto...

(De London Opinion.)



INVOCACÃO AO ESPIRITO SANTO

Op. 947

João P. Mineiro

Orgão *molto mod^{to}*
 Musical notation for the organ introduction, featuring a treble and bass clef with a 3/4 time signature and a key signature of two flats.

Solo *Côro*
 Musical notation for the vocal entry, with lyrics: *san - cto spi - ri - tu ve - ni*

Solo
 Musical notation for the vocal line, with lyrics: *san cto spi - ri - tu p - et - ro pe ctu*

Côro
 Musical notation for the vocal line, with lyrics: *o - rum et - ro plo - ctu*

mf caloroso
 Musical notation for the vocal line, with lyrics: *cor - do se - de - li um fi -*

Suave *coloroso*
 Musical notation for the vocal line, with lyrics: *de - li um fi - de - ti - um et tu -*

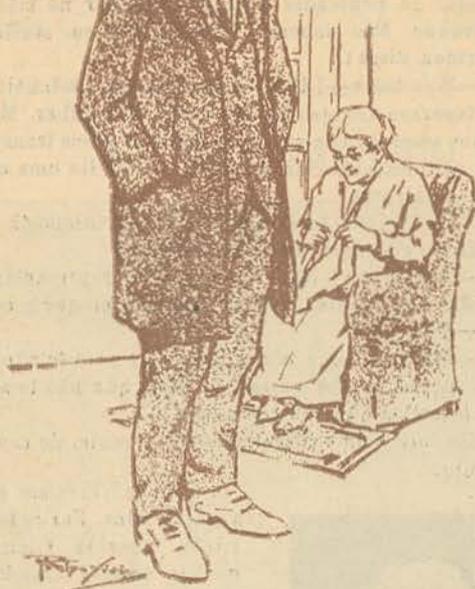
Musical notation for the vocal line, with lyrics: *i - mo - ris et tu - l - a*

mp *f*
 Musical notation for the vocal line, with lyrics: *in - is i - quem ac -*

de *desaparecendo* *mf* *Côro*
 Musical notation for the vocal line, with lyrics: *de*



CARTAS ANONIMAS



Monsteur Gériidou voltou do seu club alguns minutos antes do jantar. Vinha sempre para casa áquella hora. Madame Gériidou, como de costume, trabalhava junto á janela da casa de jantar n'uma obra de *tricot*, e, toda entregue ao grave cuidado de apanhar uma malha caída, nem sequer ergueu a cabeça. Em voz meiga, que apezar da sua idade, quasi sessenta anos fazia lembrar a voz de uma creança, perguntou :

— Que ha de novo, Heitor ?

— Sempre a mesma coisa ! Respondeu M. Gériidou. E deixou-se cair sobre uma cadeira, cabisbaixo, com um ar acabrunhado, acariciando o bigode branco.

Mas logo continuou :

— Sim, sempre a mesma coisa, minha querida Clemencia, sempre o mesmo chuveiro de cartas anónimas.

Ha seis meses que isto dura, sem se poder descobrir o culpado. N'esta nossa cidadezita, outr'ora tão calma, tão grave, tão austera de costumes, não haverá dentro em pouco uma familia que tenha sido poupada. Mas o mais curioso é que as revelações feitas, umas vezes aos maridos outras vezes ás mulheres... emfim... parece que essas revelações nem sempre são destituídas de fundamento. Quem o teria imaginado ? Em que seculo estamos vivendo ! E' medonho...

— E' medonho, sim, suspirou em éco, a voz doce de M. Gériidou.

As malhas do *tricot* tinham retomado o seu curso regular. A boa senhora ponde emfim levantar a cabeça e, proseguindo com os dedos o seu trabalho maquinal, olhar para o marido.

Olhou com a mesma instinctiva paixão da mocidade, que quarenta anos de casamento não haviam podido enfraquecer, e de um modo que bem revelava o absoluto don de si mesma ao esposo amado, só peculiar ás mulheres sem filhos.

— Sim, havia quarenta anos que ella vivia apenas para

aquelle homem, o primeiro e o ultimo que lhe fizera pulsar o coração.

Ele no entanto, permanecia imovel, abatido, preocupado. M. Gériidou tinha sempre experimentado pela mulher um amor igual áquella que ella lhe dedicava, mas como devia ser, justamente impregnado de uma solicitude quasi paternal, tanto mais minuciosa quanto era certo que nenhuma peripecia havia jamais atravessado a sua dupla existencia sem historia. Tinha nascido um e outro n'aquella cidade sonolenta, vivido á sombra d'á sua igreja, dos seus passeios e das suas casas silenciosas. Ali tinham sempre permanecido. Só agora, pela primeira vez, um acontecimento de importancia, se, bem que extranho aos interesses immediatos de ambos, vierá sacudir o torpor dos seus *tête-à-tête*. Havia seis meses que os dois só se ocupavam do escandalo em voga, só disso falavam e de mais nada.

Todavia, nunca M. Gériidou tinha parecido tão inquieto como n'aquella tarde.

Desasocogada tambem por o vêr assim, M.^{me} Gériidou interrogou-o. Elle respondeu :

— Acho que somos felizes demais. Peço-te, Clemencia, que não protestes.

Acaso já pensaste n'isto ?

Quasi todas as personalidades da terra foram victimas do infame anónimo. Só nós não temos recebido cartas. Ninguem ignora isso. Quem sabe o que se terá a este respeito ? As más linguas dirão que a mão perversa que dirige tão horriveis mensagens é a tua ou a minha ou ambas de sociedade.

— Oh ! Heitor !

— Poê-te no lugar das pessoas que teem sido atingidas ! Não fazem outro raciocinio. Que será de nós então ? Qual será o nossa situação ?

No club já todos olham para mim com um ar exquisito. Alguns socios evitam-me «até um pouco.»

Ora, para dizer se a verdade, se o temor expresso era real, M. Gériidou estava igualmente dominado por outro sentimento que não confessava. O «infame anónimo» atacava todos e esquecia-o a elle. Que insignificante personagem o julgavam então ? Porque motivo se dava aquella abstenção ? No fundo M. Gériidou sentia-se humilhado, vexado...

— Tem talvez razão, murmurou M. Gériidou. Mas que lhe havemos de fazer !

O marido ia responder quando se abriu a porta e appareceu a velha creada com a terrina fumegante de onde se exalava um aroma delicioso.

Os dois calaram-se e foram sentar-se um em frente do outro á mesa do jantar, coberta de alvissima toalha sobre a qual brilhavam os talheres e os copos.

Passaram-se dois dias. Na manhã do terceiro, quando M. Gériidou estava fazendo a barba ouviu a mulher chamar :

— Heitor! Heitor!

Ele dirigiu-se pressuroso para o quarto conjugal com a cara toda cheia de sabão e o pincel entre os dedos. M.^{me} Gérídon segurava um papel na mão, balbuciando:

— E' uma carta anónima. Recebi-a ha bocadinho com a minha correspondencia... Diz coisas terríveis a teu respeito... Lê.

Ele sem mostrar admiração e em tom muito digno replicou:

— Era inevitavel! Não podiamos deixar de ser contemplados, como têm sido todos. Socega! Isto não tem nenhuma importancia! Bem sabes que nada d'isso é verdade!

M. Gérídon meteu depois a carta na algibeira, sem a ler, e foi continuar a sua *toilette*.

Ao almoço mostrou-se mais alegre que de costume e comeu com excelente appetite. No club exhibiu a todos os socios o papel recebido, o horrivel papel onde era acusado de haver cometido outr'ora coisas espantosas. Nos labios errava-lhe um sorriso de desprezo e no olhar tinha a chama do orgulho. Foi em toda a parte o heroi do dia.

Na manhã seguinte, sempre á hora da barba, quando estava no quarto de *toilette*, levaram a M. Gérídon a sua correspondencia que em geral se compunha de algumas cartas de negócios. Mas d'essa vez certo sobrescrito de letras desconhecidas atraiu-lhe a atenção. Continha um papel on-

de, em poucas linhas se faziam as mais perturbantes acusações contra a virtude de M.^{me} Gérídon.

— Clemencia! Clemencia! chamou ele.

Ela, de penteador e ferro de frisar na mão, veio correndo. Não sabendo se exaltar-se ou sorrir, elle Gérídon disse:

— E' a tua vez! Uma carta anónima contra ti...

Esperava indignação da parte da mulher. Mas nos olhos azues da boa senhora, nos seus olhos transparentes que desconheciam a mentira só se lia uma expressão de alegria.

— Oh tu não te indignas com esta infamia?

Então ella ingenuamente, confessou:

— Perdôa-me! Não sou capaz de representar a comédia até ao fim... Essa carta fui eu que a escrevi.

— Tu!

— Sim, eu, para te dar prazer... para te não sentires diferente dos outros... Para que não te acusem de infamias que não cometeste.

Ele soltou uma gargalhada retumbante, de contentamento.

— E' boa! Tivémos os dois a mesma idéa. Fui eu tambem minha querida Clemencia, que te escrevi ante-hontem todos aqueles horrores...

— Ah! o infame!... suspirou ella deixando-se cair nos braços do marido.

E elle suspirando igualmente enquanto a apertava contra o peito:

O infame anónimo!...

(De Roger Regis.)



O NUMERO DO NATAL da

Ilustração Portuguesa

que se publicará de hoje a oito dias, contém:

OS REIS MAGOS, artistica capa em tricromia

A «BERCEUSE» DA VIRGEM, dupla pagina musical, para piano e canto

Colaboração poetica da sr.^a D. Maria de Carvalho e do sr. Visconde de Carnaxide

AS DUAS TERRAS SANTAS, artigo copiosamente ilustrado, de T. M.

A MISSA DO GALO, artistica gravura de pagina, a 2 côres

A nacionalisação do RUGUEBI pagina desportiva, humoristica, a 2 cores,

A ADORAÇÃO DA VIRGEM—A ADORAÇÃO DOS REIS MAGOS—A ADORAÇÃO DOS PASTORES

(Reprodução de quadros antigos, a côres)

Maior numero de paginas

O preço de costume, 1 escudo

Ilustração Portuguesa

2.^a SÉRIE

15 — DEZEMBRO — 1923

N.º 930

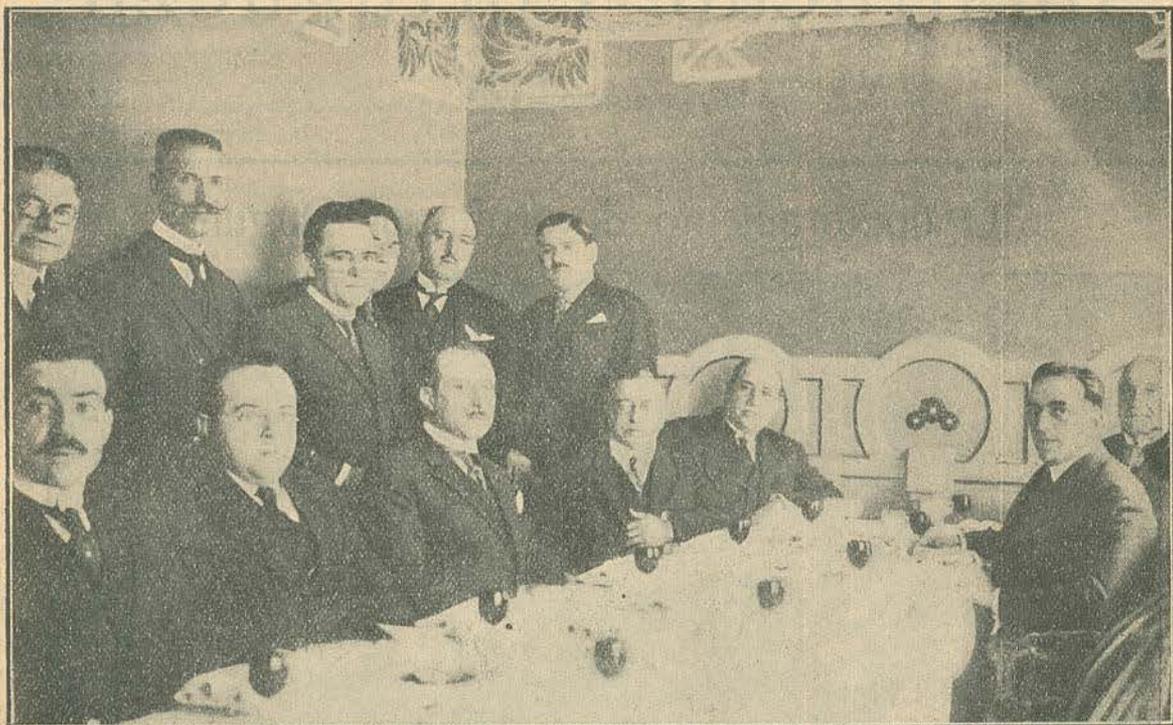
O doutoramento do professor Duguit



O ilustre professor e director da Faculdade de Direito de Boreus, Mr. Léon Duguit (6.º, a contar da direita) e algumas das pessoas que tomaram parte na cerimonia do seu doutoramento «honoris causa», pela Faculdade de Direito de Lisboa, realisada, com grande solemnidade, no dia 7 do corrente, na Academia de Sciencias de Lisboa

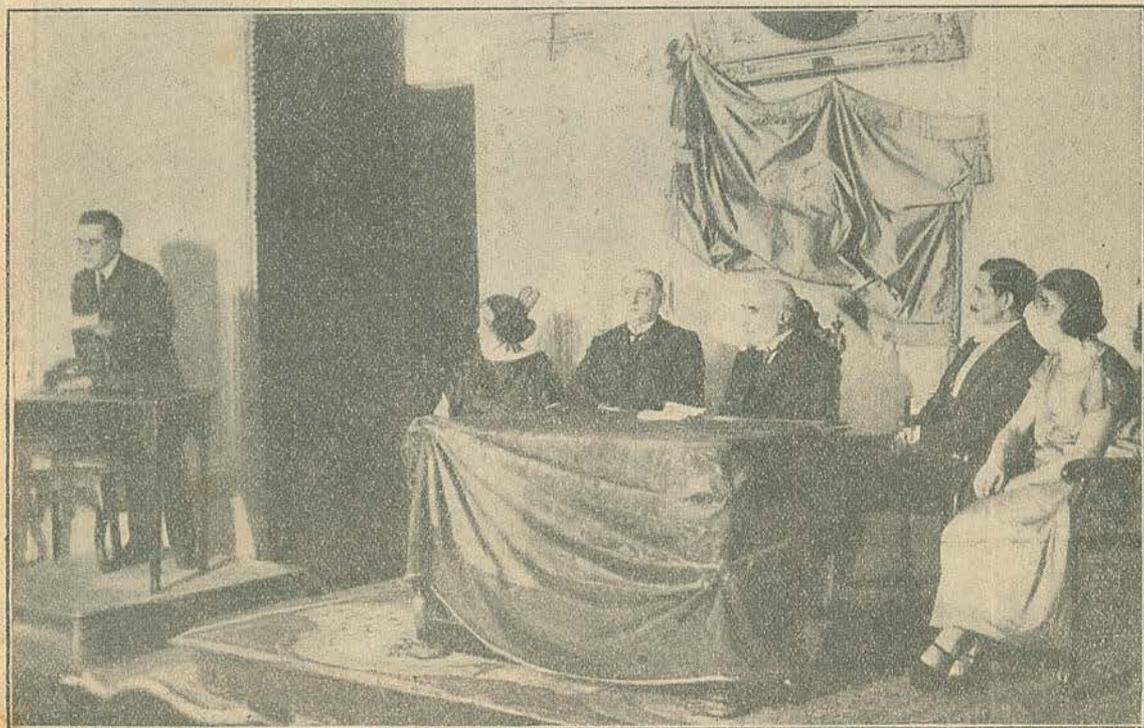
Cliché Salgado.

Homenagem á Camara do Comercio Portugueza de Paris



Pela Associação Commercial de Lisboa foi oferecido, no dia 10 do corrente, um almoço de homenagem á delegação da Camara Portugueza do Comercio de Paris, que actualmente se encontra em Lisboa. Presidiu ao banquete o vice-presidente, doquella Associação, sr. Moses Amzalack (2.º a contar da esquerda), tendo á esquerda o sr. Luiz Clerco, presidente da Camara hom. nageada; e, á direita, o ex-ministro dos Estrangeiros, sr. dr. Domingos Pereira. Os restantes convidados foram os srs. Vaz Coelho, Pinto a Costa, Francisco Antonio Correia, Carlos Gomes, Alvaro de Lacerda, João Pereira da Rosa, Roque da Fonseca, Montelro Tiago, Carlos Schmitz, Duarte Rodrigues e Rui dos Santos

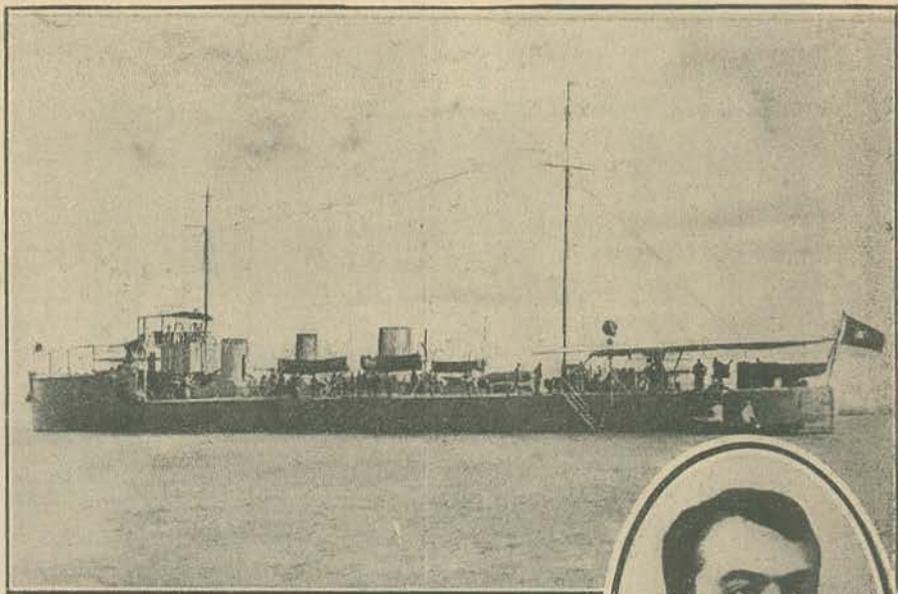
Festa de recepção dos caloiros da Faculdade de Letras



Na sede da Faculdade de Letras realizou-se, no dia 8, a festa de recepção dos caloiros, promovida pela respectiva Associação Académica. Constou de sessão solenne, ás 21 horas, a que se seguiu sarau e baile até de madrugada. A nossa gravura representa a mesa da sessão solenne, a que presidiu o sr. dr. José Leite de Vasconcelos, tendo, á esquerda, o sr. dr. Faria de Vasconcelos a ler a allocução alusiva ao acto. Tratando-se duma festa de rapazes ocioso se torna acrescentar que decorreu brilhante e animadissima (Clichés Salgado.)

Mais um movimento revolucionario

A TENTATIVA MALGRADA DO DIA 10



O «destroyer» Douro que disparou os tiros que alarmaram a cidade e produziram estragos em Odivelas

O capitão de fragata sr. João Manoel de Carvalho que dirigiu o movimento a bordo do Douro

O 1.º tenente sr. Travassos Valdez, que se encontrava, na qualidade de revolucionário, a bordo do mesmo «destroyer» e também se ach. preso



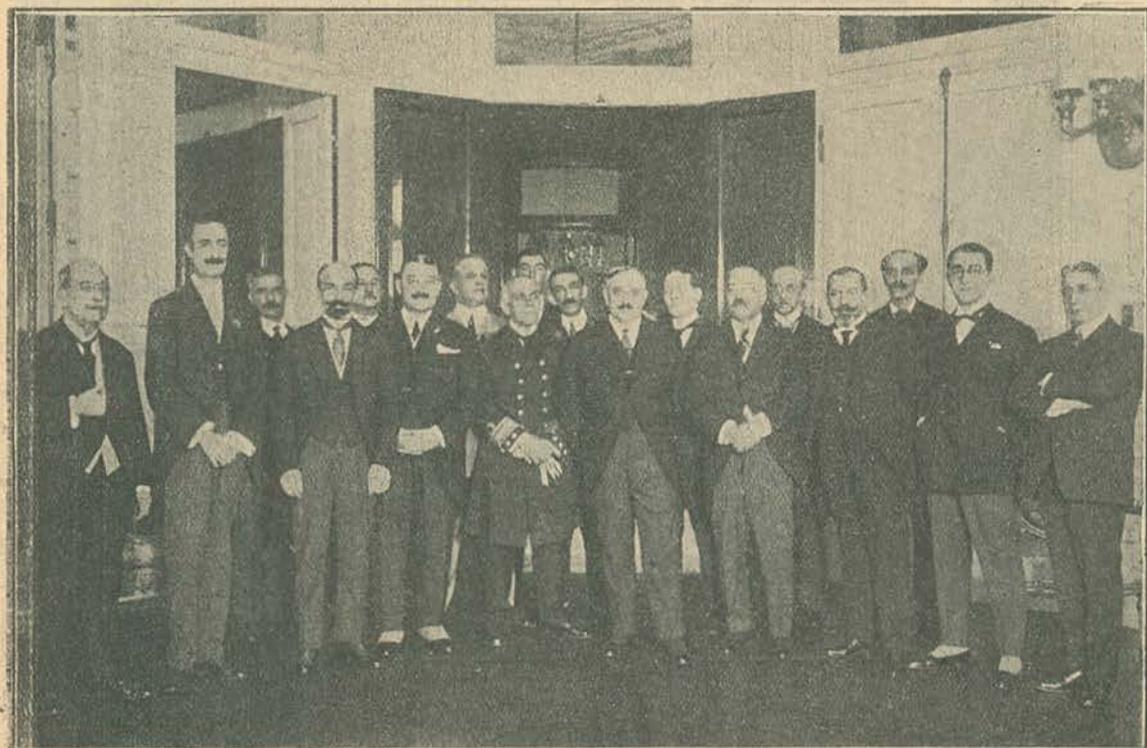
Povo observando os estragos produzidos, num estabelecimento da travessa de S. Domingos, por estilhaços das bombas que ali foram lançadas contra a guarda republicana



A casa de Odivelas, junto da qual rebentou uma das granadas do «destroyer» Douro, vendo-se a cantaria da janela despedaçada pelos estilhaços da mesma granada

COMEMORAÇÃO DO 5 D'OUTUBRO NO RIO DE JANEIRO

A recepção da Colônia na Embaixada Portuguesa



Grupo d'alguns dos portugueses que concorreram á recepção da Colônia no dia do aniversário da República, vendo-se no primeiro plano, ao centro, o sr. dr. Joaquim Pedroso (encarregado dos negócios) ten.º. á direita, os srs. almirante Gago Coutinho, conselheiro geral de Portugal, agente financeiro, coronel Júlio Amaral e chanceler do Consulado e, á esquerda, os srs. senadores Pereira Osório e Fernando u'Almeida, dr. Lebre e Lima (secretários da Embaixada) e Carvalho Neves (ajud. comercial)



Um aspecto da sala de jantar da Embaixada, durante a recepção da colônia

COMEMORAÇÃO DO 5 D'OUTUBRO NO RIO DE JANEIRO

A RECEPÇÃO DO CORPO DIPLOMATICO NA EMBAIXADA PORTUGUEZA



O encarregado de negocios de Portugal (12.º, a contar da direita) rodeado pelo corpo-diplomatico acreditado junto do governo brasileiro

A' direita do sr. dr. Joaquim Pedroso, o ministro das Relações Exteriores do Brasil, o Nuncio de S. S., os embaixadoras da Inglaterra e da Argentina e os ministros de Uruguay e de Espanha; e, á esquerda, os embaixadores da Italia, da França, do Mexico e do Japão, o ministro de Cuba e o consul geral de Portugal. No 3.º plano outros diplomatas, etc., e, no 1.º, as senhoras do corpo diplomatico, sendo-se, ao centro, Mme Felix Pacheco, esposa do Ministro das Relações Exteriores

D. CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELOS



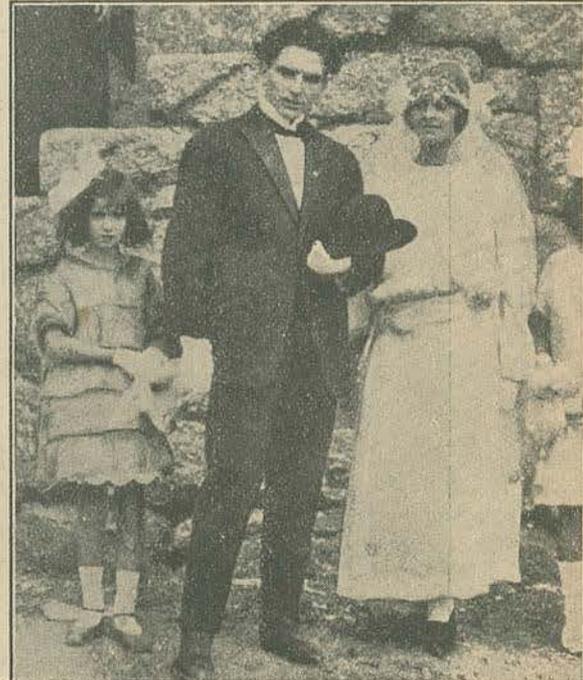
Algumas das pessoas que tomaram parte na comvente festa íntima de homenagem à illustre escritora e erudita filóloga, sr.^a D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, realisada no dia 30 do mez findo, em casa de seu filho, no Porto. Da esquerda para a direita: (sentadas) sr.^{as} D. Dagmar Stülwe, D. Lotte L. de Vasconcelos, D. Carellna Michaelis de Vasconcelos e D. Camilla Katzenstein; (de pé) srs. Carlos J. Michaelis de Vasconcelos, dr. E. A. Voretzsch, ministro da Alemanha em Lisboa, Bento Carqueja, Guilherme Stülwe, consul da Alemanha e dr. Joaquim Costa.

(Cliché An Iré Moura.)

DOIS CASAMENTOS NA PROVINCIA



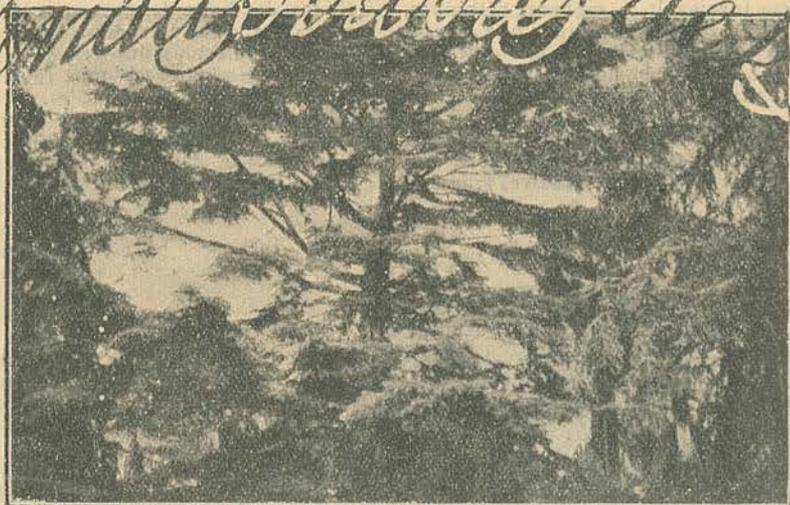
A sr.^a D. Natalia de Jesus Viegas e Costa e o sr. José d'Oliveira e Costa, cujo casamento se realisou, recentemente, em Pinheiro de Azere, Santa Comba Dão.



A sr.^a D. Mabilia Cró d'Almeida Santos e o sr. João d'Almeida Santos, também recentemente casados, em Vale ae Açores, conceiho de Mortagua.

(Clichés Borges Pinto.)

As lindas Árvores de Lisboa



Cedro do Jardim Botânico Escola Politécnica)

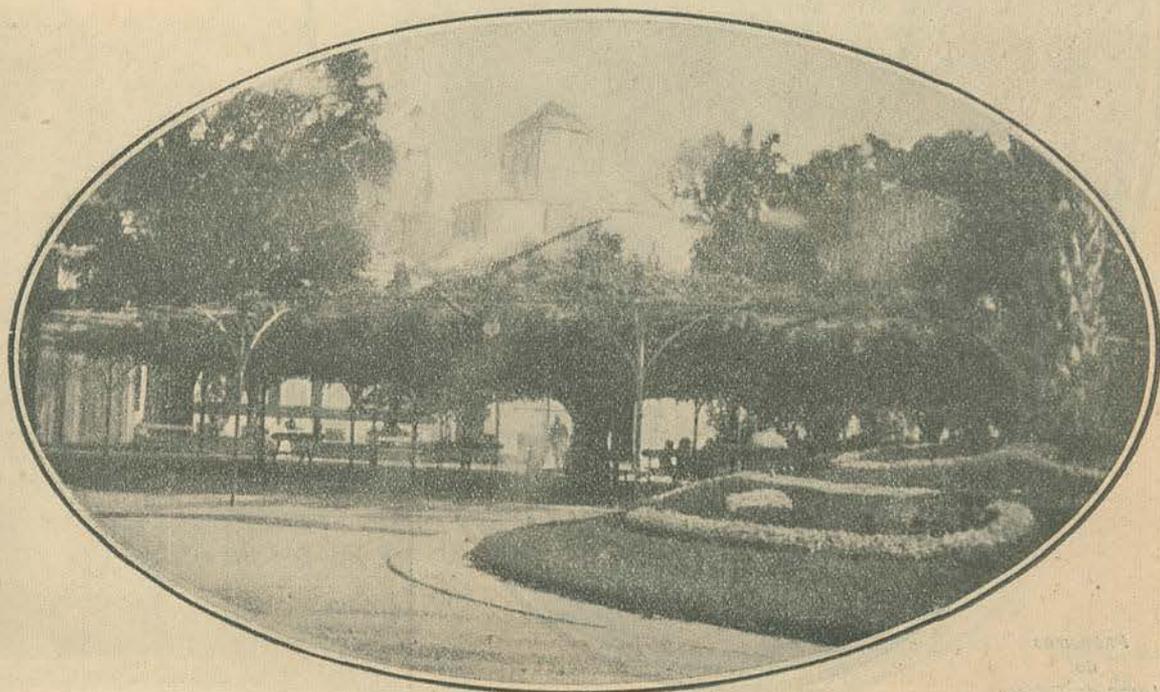
A Natureza dá-nos tantas e tão belas coisas, que essa generosidade constante, inexgotável, infinita, podia consolar-nos, compensar nos um pouco do egoísmo, da avareza, da crueldade da creatura humana. Mas, na maioria dos casos, passa-se indiferente, sem atender á luz creadora do sol, o azul calmo do céu, a verdura do campo, a limpidez da água da fonte, a frescura do rio, o perfume da flôr, o sabor do fruto, a magestade da montanha, a riqueza esplendida do mar...

Tanta beleza, maravilhosa e fecunda, profusamente espalhada... tanta beleza que inconscientemente disfrutamos, quasi sem a vêr, quasi sem apreço, sem gosto, sem reconhecimento!...

Os que vivem na cidade sentem-se distantes da Natureza, que mal conhecem e os que vivem no campo, pela força do habito, já nem reparam no encanto da terra fértil que os rodeia, que os protege, que os alimenta.

Entre as belezas inumeras que a terra cria, a arvore é uma das mais perfeitas, das mais variadas, das mais ricas. A arvore dá-nos a flôr e o fruto, o abrigo e a sombra, a lenha e o lume.

Dela vem a casa em que habitamos, a mesa em que comemos, a chama da lareira, a barca pescadora, o berço da creança e o esquife da ultima viagem... Dela vem a beleza dos parques e das florestas, o encanto das estradas, o murmurio das folhas em que o vento



Cedro da Praça do Rio de Janeiro

passa, o ramo carinhoso que segura os ninhos, a sombra doce a que se acolhem as aves, as creanças e os namorados...

Um poeta português, que ha pouco nos deixou, dizia admirando o sobreiro, essa arvore vigorosa e bella, cujo tim lhe parecia invejar!... «aquecer velhinhos, desfazer-me em luz!...» Mas não tinha que invejar pois um poeta, que verdadeiramente o é, tambem espalha a chama do seu coração por muitos corações velhos e moços e, afinal, ardendo sempre, tambem se desfaz em luz!

Lisboa, a nossa querida cidade, tão abandonada por quem devia cuidal-a com amor, tem lindas arvores, tantas que só num grande livro seria possível graval-as

todas, mas de que é facil citar algumas, que vemos quasi todos os dias.

Quem tiver a nostalgia do arvoredo pode procural-o no Jardim Botânico da Politecnica, onde ha exen-plares belissimos de arvores diversas, algumas colossaes, vindas de muito longe e que na terra portugueza se crearam e desenvolveram. Essas arvores são bem conhecidas de estudantes e de namorados que, á sombra delias, fingem que estudam e fingem que amam, talvez, ás vezes, numa illusão sincera.

Parecem-me, porém, mais interessantes as arvores citadinas, que estão no caminho onde todos passam, familiares e tranquilas, sem desdenharem ser belas como, por exemplo, as acacias da praça de Luiz de Camões, tão grandes, tão frondosas e que são a moradia permanente, sem renda nem trespasses, dum bando palpitante e alegre de pardaes da rua. Ali vivem e ali se recolhem as pobres avesinhas, apesar de, no inverno, quando as acacias já se despiram das folhas que vão caindo amarelas e secas, aos primeiros frios esta palavra *recolher* se torna puramente convencional. Empoleiram-se, segurando-se, com os péssimo frageis, aos ramos delgados, metem a cabeça esperta debaixo da aza quente e ali ficam, leves, serenas... á graça de Deus.

No ano passado um temporal desfeito destroçou as descuidosas visinhas do grande Camões, que, a despeito do bronze em que o t lharam, decerto sentiu estremecer de piedade o seu coração de poeta, maltratado pelo destino, pa-

ra que melhor soubesse cantar. O chão ficou juncado dos pequeninos corpos frementes, encharcados da chuva torrencial, como se fossem folhas caídas das acacias com o vento da tempestade. Depo's as sobreviventes voltaram, as familias atadas multiplicaram-se e hoje veem-se de novo as duas arvores povoadas dos seus ligeiros habitantes, que são tão numerosos que os ramos nos parecem carregados de folhas e de frutos, mas que estremecem e gorgeiam.

No largo da Estrela, perto da Basilica e defronte do jardim, ha um grupo de palmeiras realmente interessante e que ornle a vista. Eu confesso que não gosto de palmeiras. Lembram-me sempre um espadador e acho que lhes falta a graça das folhas miúdas, que dão ás arvores a elasticidade duma renda palhetada de oiro, que tem, na sombra ou na luz do espaço, recortes subtils.

Talvez, se eu visse palmeiras colossaes, no clima proprio, no scenario que lhes convem, não sentisse esta impressão. Mas é bonito, sem duvida, o grupo de palmeiras do lrgo da Estrela, embora poucos sejam os que reparam n'ele.

Temos tambem o cedro baixo, armado em toldo, na Praça do Rio de Janeiro.

Que linda arvore, mesmo presa e contrafeita, mesmo arrastando-se perto da terra em vez de levantar os braços para o céu!... A' sua sombra espessa sentam-se velhos pacificos lendo os jornaes e brincam as creanças, guarda-

das pela criada 'trigueira' ou pela *miss* loira e correcta.

No ar passam revoadas de pombas tímidas, que mal poizam um instante.

E por essa Lisboa fóra, de Algés ao Campo Grande, quantas arvores lindas, que vivem e florescem apesar de mal cuidadas!...

Como é suave subir a Avenida, na primavera, sob as olaias floridas!

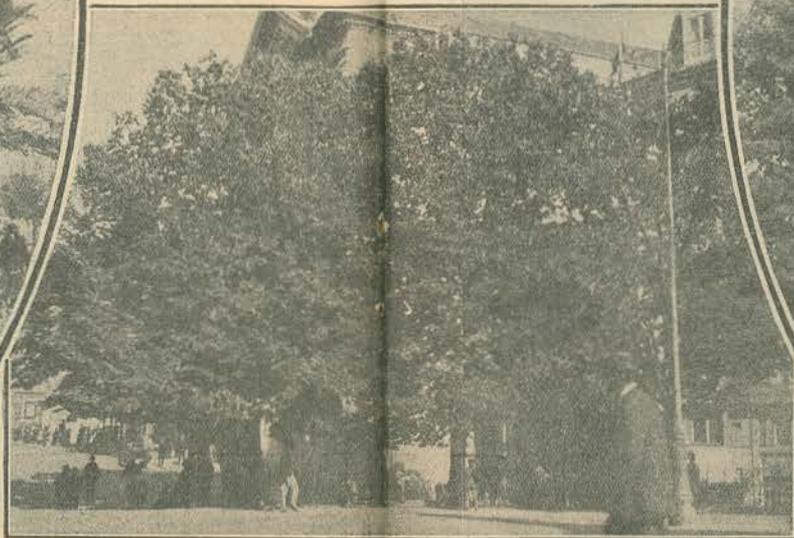
A arvore é uma oferenda eterna e sagrada da Terra generosa ao Homem ingrato...

DEZEMBRO — 1923.

MARIA DE CARVALHO.



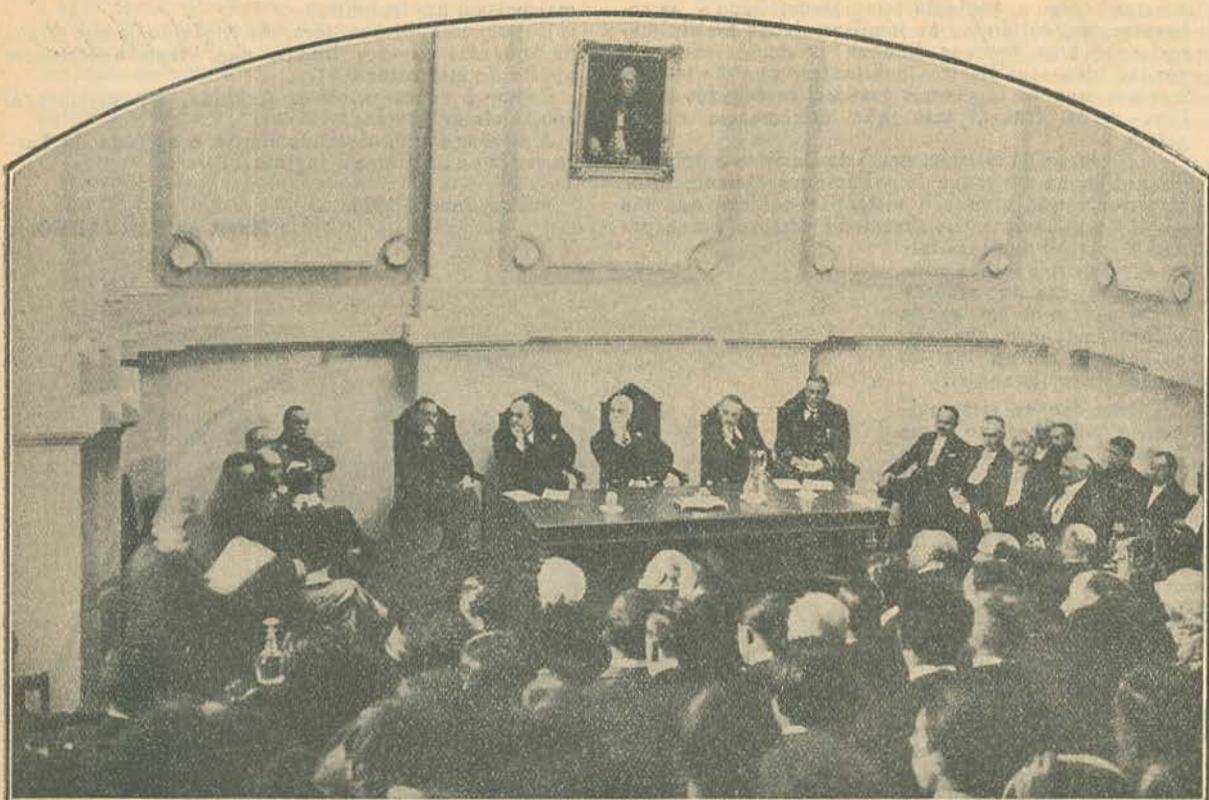
Palmeiras do Largo da Estrela



As acacias da Praça Luiz de Camões

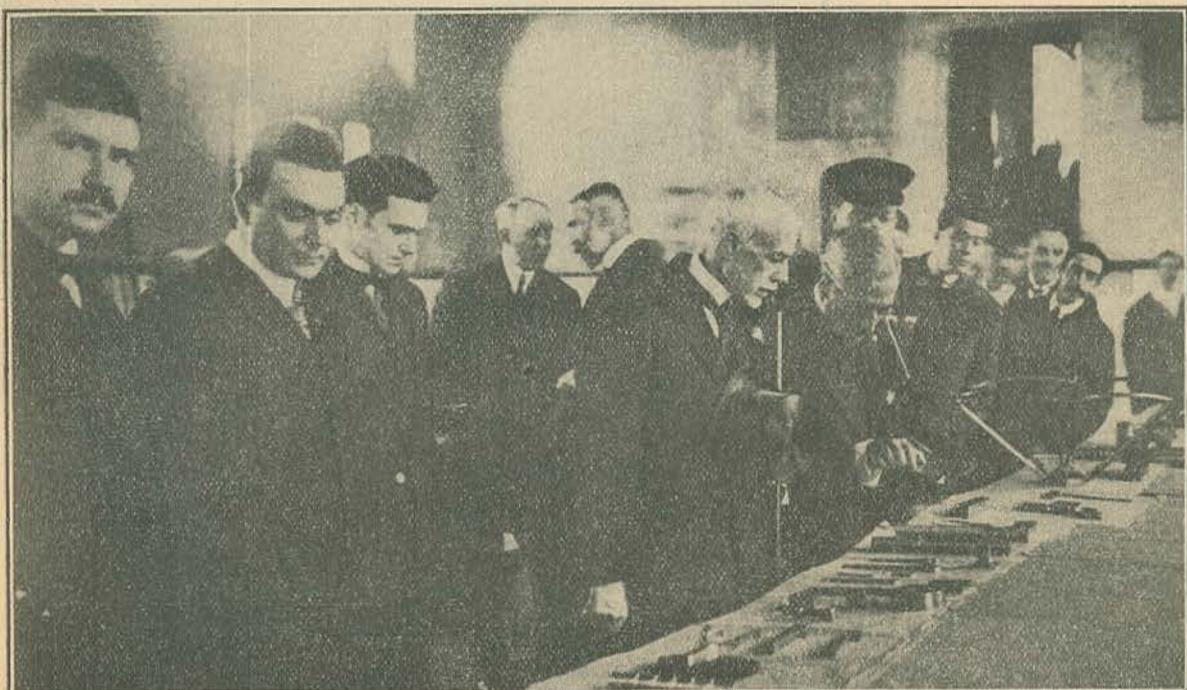


Outros cedros do Jardim Botânico



O *Chefe do Estado* presidindo, no dia 9 do corrente, a sessão solenne de inauguração do ano lectivo, secretariado pelos srs. presidente do Ministério e reitor da Universidade (à direita) e ministros da Instrução e da Agricultura (à esquerda)

Casa Pia de Lisboa

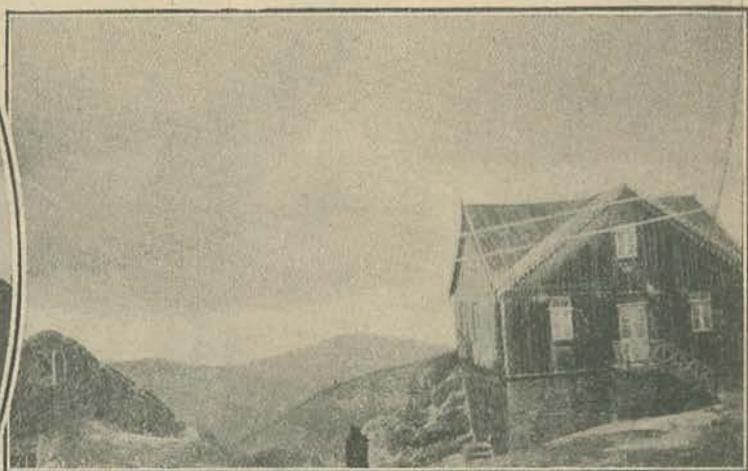


O sr. Presidente da Republica apreciando os trabalhos dos alunos da Casa Pia, por ocasião da visita official que fez a este estabelecimento de Instrução e beneficência, no dia 7 do corrente. (Clichés Salgado.)

A Neve em Portugal



Aspecto da
Serra da Estrela



Descendo a serra

Um pastor

Um chalet entre
gelos

A villa de Mantei-
gas, vista
ao
longe

(Clichés João de
Magalhães Junior.)



"Estrelas" e "Azes" do Cinema



film e em especial á scena dum salvamento no mar, verdadeiro *tour de force*, realisado pel' artista francez Jean Murat.

Este episodio é dum effeito extraordinario, pois a tempestade durante a qual ele se desenrola é duma grandeza terrivel, e o trabalho, do arrojado Jean Murat, colossal.

Roger Lion declarou ao jornal *Comédia*, que a filmagem daquella scena constitua uma proeza, que só

Phyllips Haer,
estrela
da
Mack Senneth



Lew Cody,
da
Robertson-
Cole

FOI apresentada ao publico parisiense, na sala do Cinema Sélect, no passado dia 11, a pelicula *Oz olhos d'alma*, filmada, ha pouco, em Portugal, por Roger Lion.

O entredo do film é curioso e movimentado, tendo sido confiados, os dois principaes papeis a actriz Gil-Clary e ao actor Maxudian.

A acção passa-se num dos lindos recantos da Extremadura, junto da costa do Atlantico, durante um frio mez de janeiro,

A imprensa franceza fez magnificas referencias á montagem de todo o

difficilmente poderia tornar a realisar.

Foi-lhe preciso, declarou o *metteur en scène* francez, combinar com a capitania do porto a estada dum salvavidas pronto para partir ao primeiro alarme dado; por outro lado, nem sempre se encontra um homem dotado de coragem, que teve um marinheiro portuguez, de se deixar abandonar sobre um rochedo em pleno mar, e esperar durante uma longa hora, agarrado ás algas, deitado de bruços sobre a rocha, que Jean Murat conseguiu aproximar-se.

Por vezes, Roger Lion, não querendo, de modo algum, arriscar-se a presenciar uma catastrophe, considerou a operação impossivel, tendo mesmo aconselhado a interrupção do trabalho, que só proseguiu devido á tenacidade do marinheiro portuguez e audacia de Jean Murat.

A pelicula, como acima dissemos, agradou plenamente.

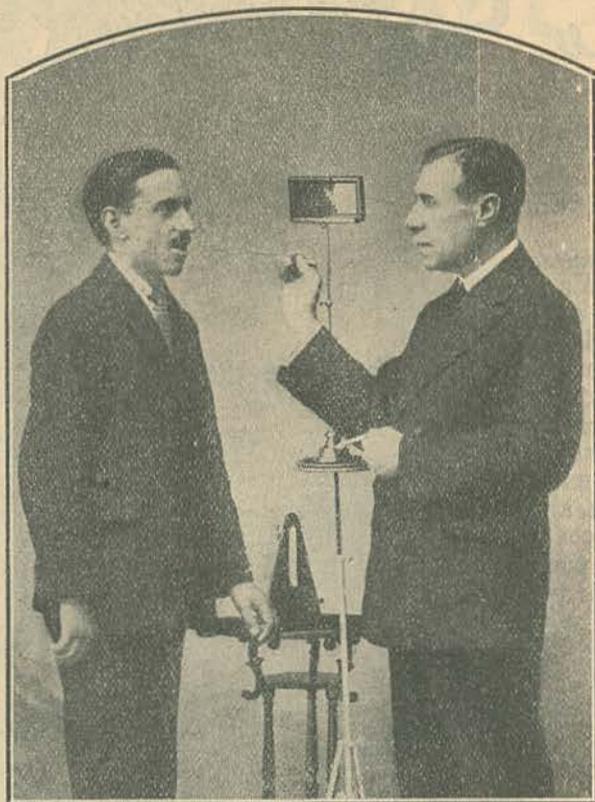
A grande travessa italiana
Itala Albani Manzini
em duas scenas da pelicula
A peça-ora



Uma das mais
celebres figuras
do
cena:
Miss Joy Duke



A CURA DA GAGUEZ



O sr. Lima Carvalho applicando o seu tratamento

De todos os defeitos fisicos, a gaguez é, sem dúvida, o que mais atormenta quem o possui.

Ninguem se ri dum cego ou dum coxo, ninguem se ri das grandes deformações fisicas porque tudo isso é triste, não só entristecendo os possuidores desses defeitos, mas tambem, as pessoas que d'elles se aproximam.

A gaguez, ao contrário, faz rir.

Compreende-se um pouco que assim seja, pelo grande egoismo dos individuos que, não sendo gágos, pensam não o poder vir a ser, ao passo que, quando presenciam uma das desgraças a que jugam poderem um dia estar sujeitos, bem avaliam o sofrimento de quem as tem.

Em Portugal pouco ou nada se tem feito pela cura da gaguez, que, duma maneira geral, foi considerada um mal incuravel; pelo contrário no estrangeiro, e, em especial na França, foram criados institutos, que se dedicam, exclusivamente, à cura de tão impressionante defeito.

Porque é ponto averiguado que a gaguez é até facilmente curavel.

A *Ilustração Portuguesa* ao ter, portanto, conhecimento da chegada a Lisboa do conselheiro, sr. Lima Carvalho, que ha anos estuda os meios do tratamento desta doença, obtendo sempre óptimos resultados práticos, deliberou conseguir para os seus leitores, e, em particular, para aqueles a quem, pessoalmente, o caso interessa algumas informações sobre o método empregado pelo sr. Lima Carvalho.

Amavelmente, este senhor, nos espez, em breves palavras, o seu processo de cura, aliás identico, nos seus principais tópicos, ao usado nas modernas instalações dos institutos de Paris e Marselha.

Funda-se na reeducação da fala por meio de exercícios especiais, exercícios estes a que o sr. Lima Carvalho tem dedicado os mais aturados estudos, e que tem por fim, além de corrigir a má articulação da gaguez, regular a respiração, de maneira a produzir uma clara emissão de som.

Todos estes exercícios são feitos pelo doente deante dum espelho, de modo que,

facilmente possa modificar esta ou aquela forma de articular, procurando sempre com o maior cuidado, imitar os movimentos executados pela boca do sr. Lima Carvalho.

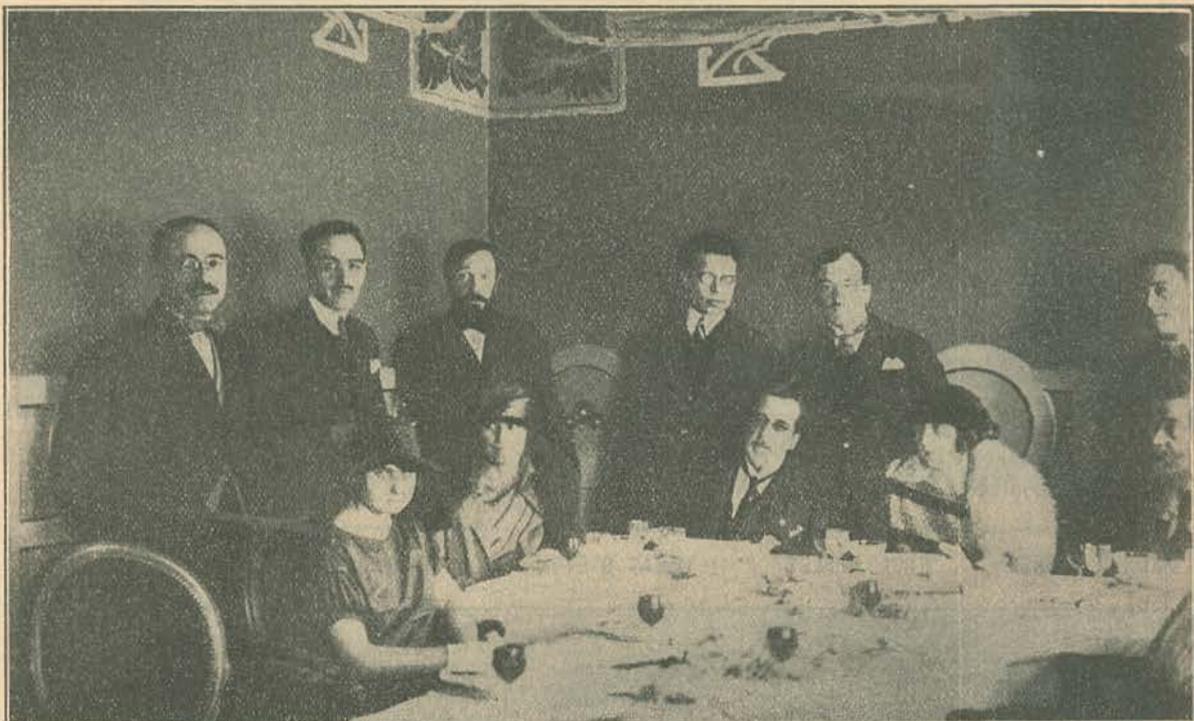
Ainda para completar os resultados obtidos com tão cuidadoso método, o sr. conselheiro Lima Carvalho, faz com que os seus doentes executem, com um aparelho de sua invenção, uma ginástica metódica e consciente, destinada a desenvolver os musculos da face e lingua.

Afirmou-nos o nosso entrevistado que duas semanas bastam para conseguir corrigir a fala de qualquer gágo, demorando o tratamento trez horas por dia.

O sr. Lima Carvalho, que em Abril de 1920, realisou uma conferencia no Instituto de Coimbra, subordinada ao titulo *O tratamento pedagógico-fisiológico da gaguez*, à qual assistiu o então reitor da Universidade de Coimbra e director da Faculdade de Medicina daquela cidade, o falecido dr. Filomeno da Camara, termina, ao que ainda nos informou, demorar-se em Lisboa.

Estas nossas referencias, feitas, aliás, sem o me or intuito de reclame, tem por fim, sómente insistimos, informar os interessados, que, porventura, desconheçam a possibilidade de cura da sua doença sem recorrer a especialistas ou estabelecimentos estrangeiros.

OS AGUARELISTAS PORTUGUEZES QUE EXPOSERAM EM MADRID



Assistencia ao almoço comemorativo do pleno exito alcançado pela exposiçào, em Madrid, dos aguarelistas portugueses, realisado, no dia 9 do corrente, no Café Tabares, ven-to-se (da esquerda para a direita): sentados, as s.^{as} D. Mari: Roque G. meiro e Hebe Gomes, o sr. Columbano Bordalo Pinheiro, a sr. D. Helena Roque Gameiro, e o sr. Roque Gameiro; e de pé, os srs. dr. Augusto de Castro, Leitão de Barros, dr. Aloes de Sá, Jaime Martins Barata e Martinho da Fonseca

DUAS EXPOSIÇÕES DE PINTURA



O pintor e scenografo sr. Leandro Calderon que inaugurou, no dia 4, uma exposiçào de quadros a oleo, aguarela e desenhos, no Salão do Teatro Nacional



Tambem, no dia 8, inauguraram, no Salão Bobone, uma exposiçào de pintura os srs. Albino de Almeida Coutinho e José Luiz Brandão de Carvalho

A ambas estas exposições se tem referido a critica com justificado louvor

(Clichés Salgado.)

HEROICOS RESIDUOS DA GRANDE GUERRA



O Grupo de mutilados e estrepados da guerra que, em conjunção com as resoluções tomadas em uma reunião realizada no vesperão, foram enviados no dia 6 de corrente, as suas reclamações, ao deputado sr. Diniz da Fonseca, para que este as apresente ao Parlamento. O mesmo grupo esteve, depois, em O Século, a agradecer o interesse que tem manifestado pela sua justa causa.

MAURICE BARRÉS

RAUL VERLET

TOMAS BRETON

JULIO GAMA

A. JOSÉ AVILA



Noíavel escritor e jornalista membro da Academia Francesa, e homem político, falecido em Paris, no dia 5 do corrente.

Estatuário francez, de grande e justificado nome, natural de Angoulême e falecido em Paris no dia 4 do corrente.

Insígne maestro espanhol, autor de: «Os amantes de Teruel», «Dolores», «La Verbena de la Paloma», falecido em Madrid, no dia 2.

Ilustre jornalista português, fundador e director da «Gazeta dos Azeites», falecido em Agualhas, no dia 4 do corrente.

Antigo propagandista da liberdade e da instrução popular, natural dos Açores e falecido, em Lisboa, no dia 7 do corrente.

FILARMONICA DE PINHEIRO DE AZEITES

GRANDE INCENDIO DA GUARDA



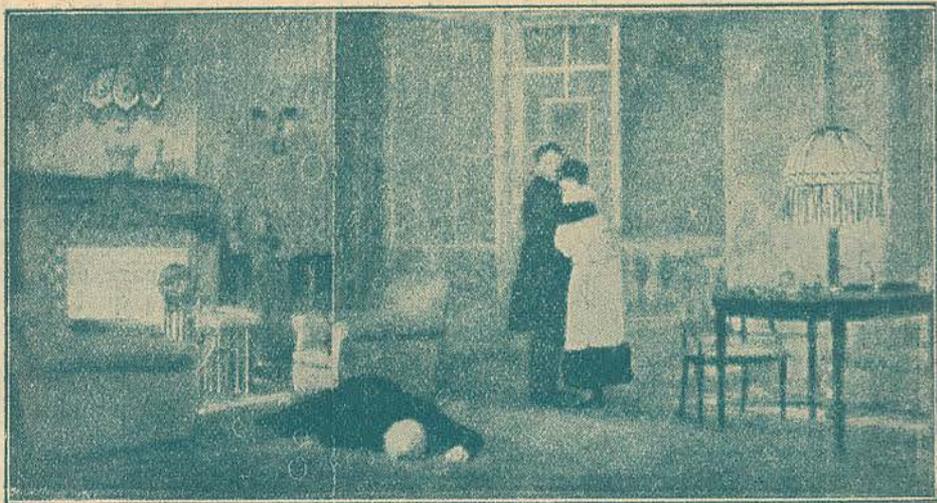
O rico estandarte oferecido pela colônia pinheirense do Rio de Janeiro, á Filarmónica de Pinheiro de Azeites (Santa Compadro) de que foram portadores os srs. Pedro Gonçalves e Francisco Gomes Silva.

(Cliché Borges Pinto.)

O importante edificio do Largo Central da Misericórdia da Guarda, onde se encontrava a Reparação de Finanças do concelho, que foi destruída por um grande incêndio, no dia 9 do mez corrente.

(Cliché Atres)

A "VERTIGEM" NO TEATRO NACIONAL



Scena final do 4.º acto da peça

A peça *A Vertigem*, de Charles Méré, recentemente estreada no Nacional, não pertence nem ao Teatro que alegre nem ao Teatro que comove. Por mais que abundem, n'ela, as «grandes situações», o sentimento da plateia mantém-se indiferente ante a sua successão, só os sentidos do espectador vibrando e, esses mesmos, n'uma tensão momentânea, como cordas de violino que, uma vez libertadas do contacto do arco, logo se quedam mudas... E, isto, porque não existe logica de continuidade no crescendo das paixões em choque, nem sombra de verosimilhança na sua traça episodica. O proprio titulo só tem explicação em tudo ser *vertiginoso* no velho *mêto*, como dizem os francezes, *camouflage* de peça moderna por obra e graça de um simples acessorial a que o artificio—não a Arte—do autor, empresta apparencias de ambiente essencial.

Por outras palavras a acção de *A Vertigem* não carece, em nada, da Russia de hoje, dos *bolchevistas* e das em quantas condições politicas actuaes evolue. Ahí a *camouflage*. Com a velha Russia autocratica e os nihilistas teria o mesmo cabimento. E' um simples episodio á *Fedora*, mas obra que bem se vê ser de discípulo, tão longe fica da do Mestre.

Assentou-se, para ahí, em que este genero de peças «teem Theatros». Entendemos nós que teem, quando muito, «animatografo». Ter Theatro não é apenas chegar a «situações», atravez esboços de scenas; é, sim, crear situações, medeante a successão equilibrada, na verosimilhança e na intensidade, de scenas bem vindadas. D'outra maneira a plateia, por mais que se deixe empolgar, a momentos, não mantém essa tensão de interesse, essa como que solidariedade de sentir com os personagens em jogo que compete despertar a toda a verdadeira obra de Theatro, a qual para ser «verdadeira», carece de ser sincera e sentida pelo proprio autor.

Será de concluir, d'aquí, que *A Vertigem* seja uma peça má? De maneira alguma. O que não é, é uma peça moderna, pelo menos nos processos, como se pretende inculcal-a. Sel-o-ha, quando muito, na *fumisterie* que, infelizmente, está cada vez mais constituindo caracteristica de tudo que é moderno, nas artes, como na literatura, como na politica.

E, assim, sendo obra de montar em qualquer teatro de exploração particular, que vise apenas as receitas da bilheteira, nem pelo autor, ao qual falta categoria para isso, nem por ela propria, despida de um elevado espirito ou intuito artistico ou educativo, nos parece que devesse ter encontrado guarida no nosso Theatro Normal.

*

Uma vez, porém, que encontrou, regosijemo-nos com o seu pleno exito que, aliás, seria antes de lastimar, se não fora, em grande parte, devido ao trabalho dos nossos comediantes. Porque neste, sim, é que

ha verdadeira Arte, em termos de quanto possível atenuar a ausencia da Arte verdadeira, por parte do autor.

São poucas as personagens de *A Vertigem* e, ainda, d'entre essas poucas, apenas sobre tres convergem as responsabilidades do desempenho. Natacha

(na tradução, Natalia), de Cassel e o conde Mikailoff, que couberam respectivamente, a Ilda Stichini, Clemente Pinto e Rafael Marques.

Não obstante fora do seu *emploi* official, Ilda Stichini compreendeu e exteriorizou a parte que lhe coube, não diremos com uma felicidade, pois daria, até certo ponto, a impressão de acaso, mas sim com uma consciencia e uma intelligencia difficilmente igualaveis quanto mais excedíveis. No disparate de um papel em que os mais contrapostos sentimentos se chocam, conseguiu ser, ao mesmo tempo, apaixonada e fria, audaciosa e pusillamine, casta e sensual, inocente e criminosa. E manter-se humana, nesse amaigama inconcebível da menos humana das psicologias jámais fantasiada em personagem scenical! E' simplesmente espantoso o seu trabalho, manifestando-se, sobre tudo, a grande actriz que é, na narrativa do 3.º acto. Esse trecho apenas, valorizado por ela, faz-nos perdoar toda a incongruencia e falha absoluta de «verdadeiro Theatro», do referido acto. E, no ultimo, em successivas situações, qual d'elas mais falsa, a sua dor, o seu pavor, a sua aniedade, o seu odio são tão sentidos, que chega a conseguir dar-nos a impressão de tudo aquilo poder ser como é! Uma grande comediantes, repetimos, quem assim representa em Theatro indigno d'ela. O que será, fazendo-o naquilo que ella merecel...

Clemente Pinto, em tão excelente companhia, houvesse com um *brío* e tambem com uma intelligencia que confirmam, em absoluto, os seus creditos de excelente artista. Sobretudo em *A Vertigem* ha, porém, que insistir no *brío*. Sabendo, sempre, aquilo que faz—e é esse o papel da intelligencia—costuma, este actor, revestir as suas interpretações d'um ar, como diremos abstrato, nostalgico, sonhador, um tudo nada monotonico. D'esta vez, não. Viveu a personagens com a vivacidade, o *entrain*, a elegancia facil que ella reclamava, dentro do que ella tem de convencional—que é quasi tudo—realizou, tambem, o milagre de a tornar quanto possível natural. Foi em resumo, o excelente *partenaire* de Ilda Stichini e, proclamal-o, é, mantendo-nos dentro de mais estricta justiça, tecer-lhe o mais rasgado e tambem mais justo elogio.

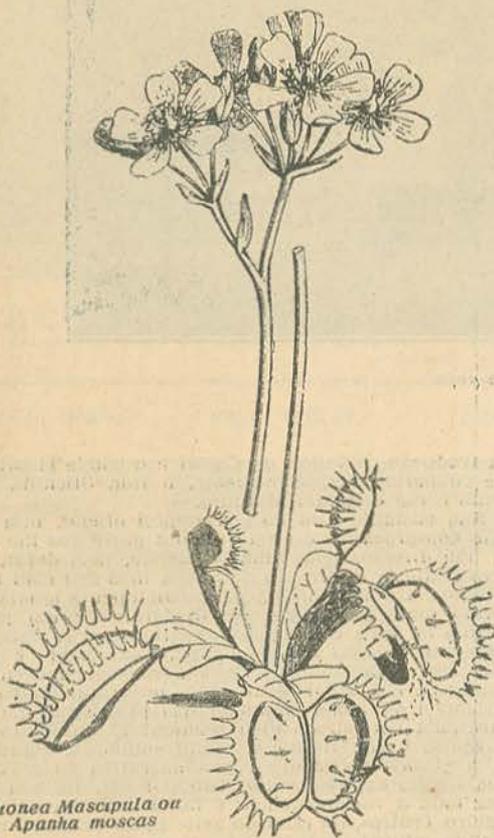
O mais difficil do tres principaes papeis coube a Rafael Marques. E, dizendo «mais difficil», aquilatar-se-ha até onde chega a difficuldade d'ele, depois do que dissemos dos outros. Aparte a primeira scena, em que nos pareceu ter vincado demasiado a brutalidade da personagem, fez primorosamente todo o resto do 2.º acto. Nos 3.º e 4.º, que poderia fazer, se tudo aquilo é o que é?... Além de que o papel não tem variantes. Um brutamontes que se repete, desde que entra até que sae de scena, n'esses dois actos. Onde poudo apresentar trabalho, isto é, no 2.º acto, salva a restricção que registamos acima, foi porém perfeito.

Resta-nos referir á encenação e ou scenario e arranjo de scena dos 1.º, 2.º e 4.º actos, dignos do maior elogio e á tradução do nosso camarada Avelino d'Almeida, rigorosamente conforme o original e litterariamente impecavel, o que é tanto mais de ter em conta, quanto nem sempre isso succede. Isto é, bem mais, que a peça, á altura do Theatro.

T. M.

PLANTAS CARNIVORAS

UM ALMOÇO DA DIONEA MUSCIPULA



Dionea Muscipula ou
Apanha moscas

Lombroso, no seu, *Homem-criminoso*, cita, para nos mostrar que o crime é imanente na natureza em todos os seres vivos, e não apenas apanhio do homem, o exemplo das chamadas plantas carnívoras, mencionando a conduta da *Apanha-moscas*, *Orvalhinha* e *Utricularia*, que se alimentam de insectos.

Tenho por certo que o facto desta alimentação é conhecido de muitos leitores desta *Ilustração*, mas outros haverá que o desconheçam e para estes escrevo a noticia que a seguir dou.

A *Apanha-moscas* (*Dionea muscipula*) que não temos cá, é originaria da America, onde vive em solos pantanosos de turfa. Na sua constituição entra uma roseta de folhas basilares, dispostas rez-vez ao chão, como mostra a estampa, do centro das quais se ergue um caule suportando uma corôa de folhas regulares e brancas.

O órgão mortífero e engenhoso desta singular planta é precisamente cada uma das folhas que formam a roseta basilar. Estas folhas compõem-se, segundo alguns, de um peciolo dilatado, cordiforme, terminado por um limbo chanfrado na base e no vertice, dividido pela nervura mediana em dois lobulos iguais, sime-

tricos, cujo bordo se acha revestido por longos e rígidos pêlos, verdadeiros dentes que se engrazam uns nos outros quando a folha se fecha em dobradiça.

A armadilha é representada por seis pêlos, tres de cada lado, que se elevam da face superior do limbo, órgãos de uma sensibilidade extrema e tamanha, que basta um insecto levemente roçar por eles para os excitar e armar o traiçoeiro laço, do qual a desgraçada vítima não ha que escapar.

Antes que levante o vôo e tente a fuga, já os foliolos se dobraram sobre si, os dentes marginaes se articularam em charneira e fecharam a presa como em tumulo, apertada entre as duas paredes do carcere folhoso que a pouco e pouco a vão comprimindo.

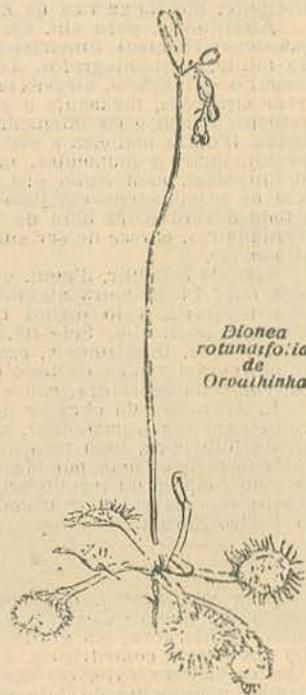
Então das pequeninas glandulas numerosamente espalhadas pela face da folha se extravasa um liquido acido, rico em pepsina como o suco gastrico e como aquela com propriedades digestivas, suco que actua sobre o insecto, o mata e o digere socegadamente, demorando esta digestão alguns dias, no fim dos quais os foliolos se reabrem e a planta arma de novo a ratoeira pronta a funcionar. Do insecto devorado fica apenas a carcassa imprestavel, que o vento varre.

Vê-se que a dionea não é exigente nas suas refeições, pois que lhe basta um pequeno e humilde insecto para constituir o seu alimento de alguns dias. Não é o que poderia chamar-se uma planta comilona.

E não obstante tenho a honra de recomendar-lhes, gentilissimas senhoras e donas de casa, o uso de uma dionea para apanhar as aborrecidas moscas que nos invadem a habitação, convencido como estou de que o seu emprego lhes prestará melhor serviço do que quantos papeis mata-moscas por aí há.

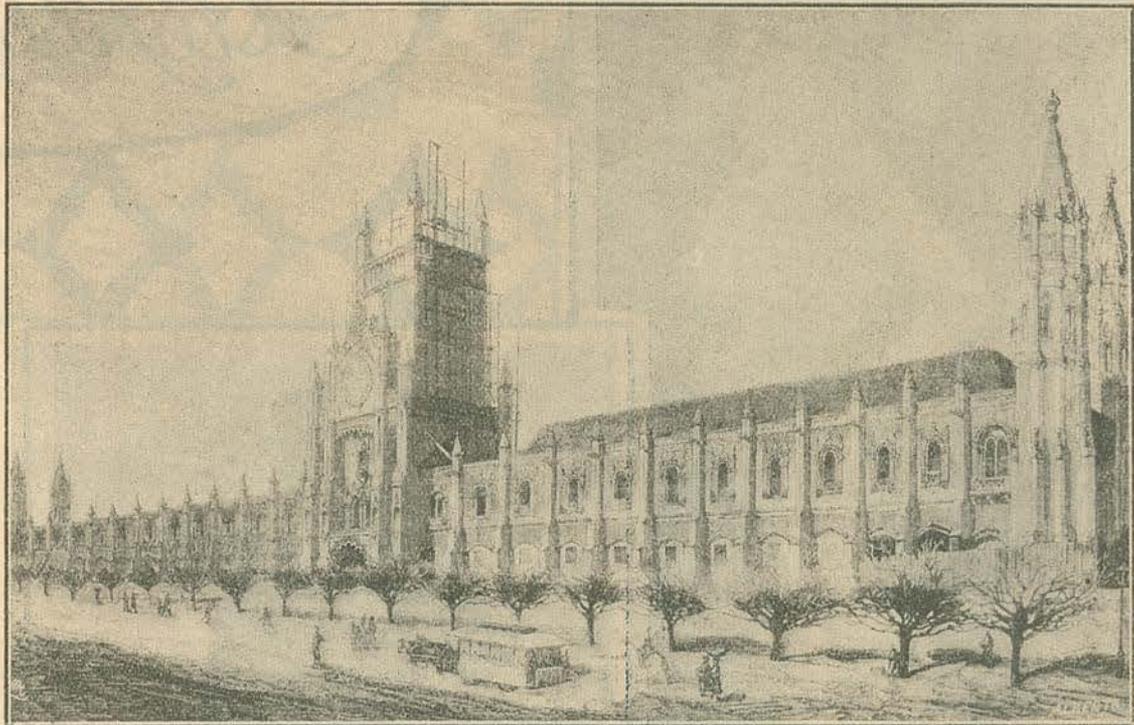
E convencido como estou tambem de que a bondade de V.^{as} Ex.^{as} é grande, estou que me peçoarão a semceremonia com que as convido para assistirem comigo á refeição de uma outra planta carnívora, e seja esta refeição o almoço da *Orvalhinha*.

LODUVICO DE
MENEZES.

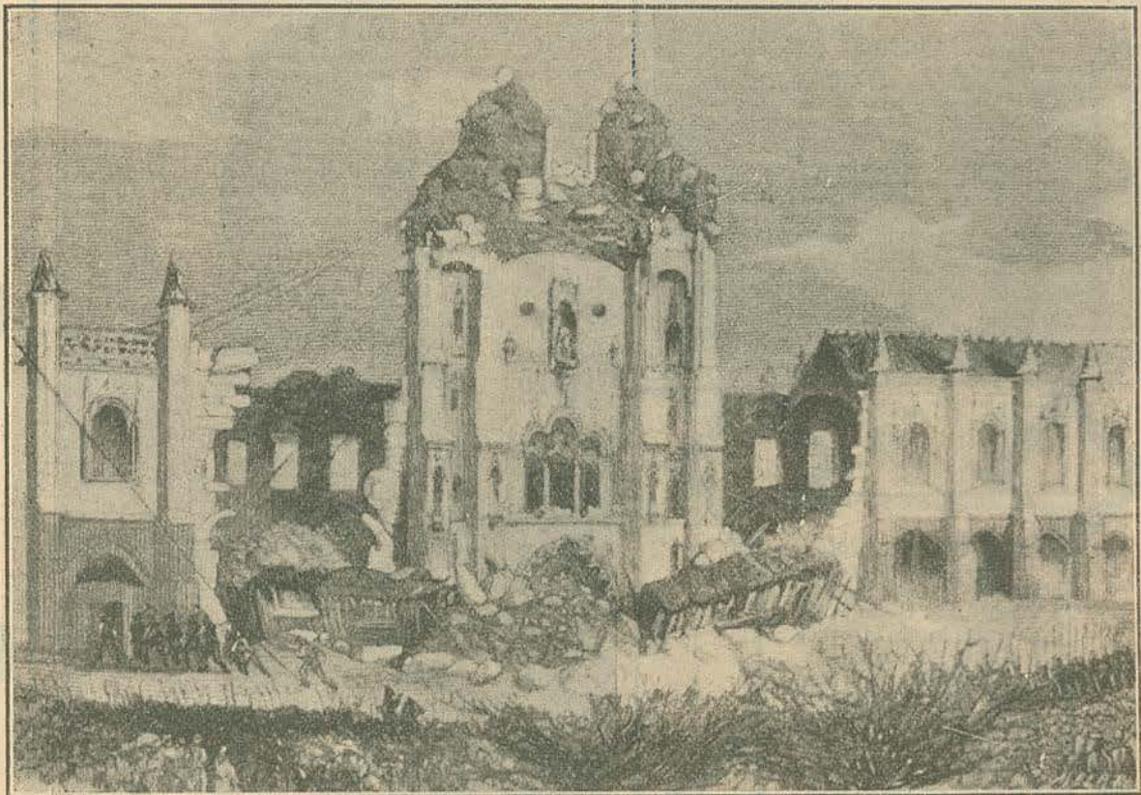


Dionea rotundifolia
de
Orvalhinha

Ha Muitos Anos...



Estado em que se encontravam as obras dos Jeronimos quando se deu o desabamento



O edificio dos Jeronimos depois do desabamento

Faz, no dia 18 do corrente 45 anos que desabou a parte central do edificio dos Jeronimos, ao tempo em reconstrução e cujas obras estavam prestes a terminar. Ficaram nos escombros oito operarios e o acontecimento produziu a mais dolorosa sensação, não só em Lisboa, como em todo o paiz.—(*O Occidente* n.º 25 e 26.)

Magima Elegante



A LINHA das *toilettes de soiree* ou jantar, define actualmente uma silhueta esguia que muito favorece a elegancia femeníl.

E' preciso que a mulher pareça esbelta (quando o não seja de facto...) E assim, torna-se necessario que o engenho de corte, a habilidade das *draperies*,



concorram para o efeito de *elancement* preconizado pela moda.

De resto, as *toilettes* de grande cerimonia são este inverno extremamente sobrias de corte, certamente para melhor deixar ressaltar a riqueza, a estonteante fantasia das guarnições e dos bordados que as recamam.



AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

GUERRA JUNQUEIRO, por Leonardo Coimbra

Leonardo Coimbra reuniu em volume, editado pela «Renascença Portuguesa», alguns dos seus belos estudos sobre Guerra Junqueiro. O ilustre filosofo e homem de letras ocupa-se da obra do poeta, encarando-a sobre os seus varios aspectos; diz-nos a sua opinião sobre o artista e o pensador, mostra-nos Junqueiro perante a morte; faz, com o maior desassombro e tambem com uma nobre elevação, a análise critica desse espirito superior examinado atravez das suas produções poeticas, acentuando o valor, a significação e o alcance destas. Para o mais exacto conhecimento de Junqueiro, torna-se d'ora avante indispensavel ler e meditar as paginas trabalhadas por Leonardo Coimbra com aquela arte que caracteriza a palavra escrita ou falada de quem hoje é uma das mais altas, originaes e inconfundiveis personalidades do meio intelectual portuguez. Ilustra a capa do volume um bom retrato do autor dos *Simplex*, desenhado por Antonio Carneiro.

HISTORIA DE UM URSO, por Pina de Moraes

Mais uma colecção de novelas, subordinada ao titulo de «Novela de Portugal». O numero primeiro encerra a *Historia de um urso*, por Pina de Moraes. Na apresentação, o sr. Lucio Moreno traça em breves palavras o perfil do brilhante escritor, um dos primeiros da sua geração, relembrando que lhe devemos essas encantadoras obras-primas que são *Anfora partida*, *Ao parapeito*, *Paixão do maestro*, etc. O sr. Lucio Moreno, numa simples frase, sintetisa a apreciação do novo trabalho de Pina de Moraes: «E' um dramazinho intimo entre um brinquedo de bazar e uma garotinha de salão burguez.» E amplificando: «Não é uma tragedia que arpie: E' uma historia que se pode aplicar a muita gente que tem, na vida, a mesma sorte do brinquedo.» Não conseguiriamos definir melhor a curta novela de Pina de Moraes, escritor por quem temos a mais viva e justificada admiração. A «Novela de Portugal» é editada no Porto.

CARTAS DO DR ANTONIO CANDIDO

O sr. dr. Alberto Martins de Carvalho acaba de publicar algumas cartas que lhe foram dirigidas pelo grande orador Antonio Candido. São apenas quatro, mas em todas elas se patenteiam não só os formosissimos dotes de coração e de caracter que exornavam a figura do insigne tribuno, com a elegancia e a limpeza do seu estilo. O sr. dr. Alberto Martins de Carva-

OLHAR.—(Porto)—Oito rimas em ado e ada é duna monotonia... Depois dois adverbios rimando embirrantemente; dois verbos no mesmo tempo, etc. Em resumo, muito pobresinho. E' pena, porque o ultimo terceto nao deixa de ser gracioso, tanto assim que o reproduzimos:

Eu ainda esperel a vêr se vinhas...
Só vieram, de longe as andorinhas,
E tu, que estavas perto, não vieste.

A. S. (Rocio d'Abrantes)—Seguramente que ocaítamos colaboração, sem ser solicitada, em determinadas secções da Ilustração.

O que não aceitamos, tratando-se de versos, é a composição que só poderiam ser assim classificadas por as tirinhas não chegarem ao fim do papel.

C. R. L. (Bravo)—Interessantissimo. Ainda pergunta se será publ. ado?... Como não havia de ser?! O que tem é que aguardar a sua altura.

ROSICLER—Sim senhor. Pode mandar.

R. M.—Por enquanto o que o senhor faz é prosa rimada e menos mal metrificada. Ora, versos é outra coisa. Em todo o caso não lhe aconselhamos que aestista. Antes pelo contrario, tentando, talvez consiga tornar realtaae o que classifica de illusões—e seguramente que, ao menos por enquanto, o sae.

ROSA BPAVA.—A marcação da roupa pode realmente fazer-se como diz; no entanto é mais simples proceder da seguinte forma: Humedece-se, com goma feita em agua fria, o sitio que se aae marcar, deixa-se secar e preme-se com um ferro. A superficie, assim engomada, toma bem a tinta. Caso cda algum pingo de tinta no pano, esfrega-se logo em seguida com agua em que se deitam partes iguaes de acido citrico em pó e alumen. Passa-se, em seguida, por agua simples. Repete-se o processo até a mancha desaparecer por completo.—D.

OLGA.—Um bom acompanhamento para a carne assada e a salada com densa. Lavam-se duas alfaces, cortam-se as folhas maiores em tiras muito finas guardando, as mais pequenas, os olhos da alface, para decoração. Pisa-se uma cebola, cozem-se cenouras e uma betarraba que se cortam depois em pequenos cubos. Deita-se tudo para dentro duma saladeira. Tempera-se com sal, pimento, mostarda e pimenta em grão, tres colheres de azeite e mexe-se bem. Na ocasião de servir junta-se meia chicara de molho de conserva ou de molho de tomate, guarnecendo o prato com o rest. das alfaces e pimentões cortados ds tiras.—D.

CORRIGENDA

O conto *Enfim!*, do nosso anterior numero, vem incado de lapsos de revisão que deslístimos de corrigir, tantos eles são. Deixamos isso a intelligencia e paciencia do leitor, ao mesmo tempo que lhe ped mos desculpa. Como tam em a pedimos ao autor, o nosso presado amigo sr. Cruz de Magalhães, que, escusado será dizer, não revtu as provas,

lho consagra vinte e quatro paginas a considerações sobre a personalidade oratoria e literaria de Antonio Candido, fornecendo a respeito dele algumas interessantes notas biograficas.

A. de A.



PAGINA INFANTIL

NINI, NANA E PAPA



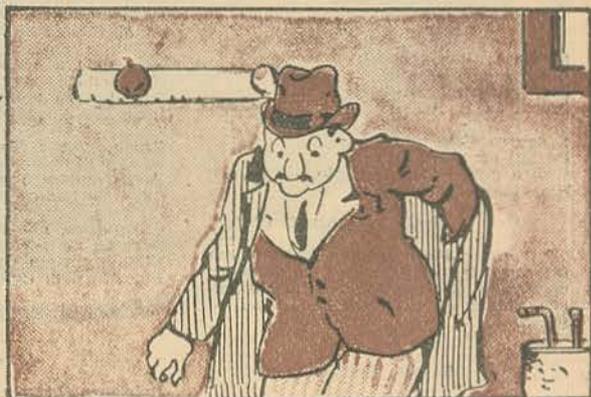
-COM A BRINCADEIRA RASGASTE A ALGIBEIRA DO SOBRETUDO DO



PAPA!
-EU VOU COZÊ-LA E VERÁS QUE FICABÔA



-11 HORAS! NÃO ME POSSO DEMONSTRAR...



-MAS QUE É ISTO, NÃO ME ENTRA O BRAÇO NA MANGA...



-QUETERA' O SOBRETUDO! E NÃO O POSSO VESTIR...



-ENTÃO NÃO ME COZERAM A MANGA A ALGIBEIRA!!...

ESFINGIA



CHARADAS EM FRASE

Que pedaço de homem! Parece um peixe colossal, mas afinal homem é que ele é.—1-2.

Porto

Dr. Essejê

Este fruto é escuro n'esta terra portuguesa—2-2.

Antoninho

Decifrações das produções publicadas no numero transacto:

Enigmas: Lenine—Antoniela.
Charadas em verso: Papagalo—Minhoca.
Enigma pitoresco: Desconsolo.
Charadas em frase: Girasol—Aporia—Correlegionario.
Logogrifo: Garavim.

ENIGMAS

E' minha prima a primeira;
Segunda,—que confusão!—
E' quarta n'este sentido,
E a quarta da solução.

A terceira mais a final,
Dão-vos um D, sem favor;
Mas se não for mesmo o D,
Lá estará o seu valor.

Se melhor vos explicasse,
Então, nada custaria;
Se assim mesmo se 'stá vendo
Ser deus da mythologia...

Godinho

(A Prémio)

Minha mulher recebeu
Uma prenda valiosa:
Um lindissimo vestido;
Oferta da D. Rosa;

E dentro d'ele uma nota
De mil escudos achou,
Com a qual ontem á tarde,
Rica moldura comprou.

Baal (do Spingts Club)

* O autor d'este enigma oferece uma interessante obra litteraria, ao primeiro decifrador que entregar a sua decifração exacta na Sucursal do Século do Rocio.

(Ao «Dr. Essejê»)

Cinco letras diferentes,
Esta palavra contem,
Consoantes, são só duas,
E tres silabas tambem.

Da primeira letra á ultima,
Dá conhecido animal;
E a quarta, mais a quinta,
Uma nota musical.

Terceira, prima e segunda,
Um rio, não pequenino;
Segunda, prima e terceira,
Nome proprio feminino.

A terceira, primeira e quinta,
Um respeitado parente;
E quarta, terceira e ultima,
Dá conhecido affluente.

Primeira, segunda, quarta,
E mais terceira a findar,
O effeito de uma rolha,
Ou um tapa, p'ra rimar...

Nada mais tenho a dizer,
E agora o principal,
E' achar no seu conceito,
Um conhecido animal.

Serrot.

CHARADAS EM VERSO

(Sobre quadras populares e dedicada ao illustre charadista «C. Sillel»)

Nem toda a arvore dá fruto,
Nem todo a erva dá flor.—2.
Nem toda a mulher bonita
Pode dar constante amor.

Maria, minha Maria,
Meu pucarinho de Aveiro.—2.
Todas andam á portia
Quem te hade lograr primeiro.

Oh mulher, não des ao homem
O ramo da perfeição,
Eles prometem greja,
Por fim nem capela dão.

M. Rebas

(A «Ela»...)

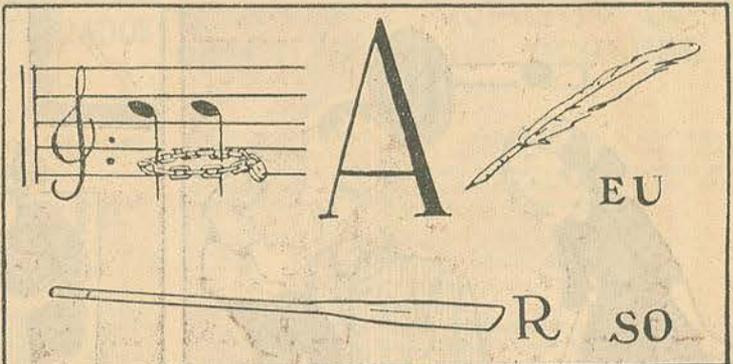
E branca, branca, tão alva
Como o branco do jasmim,—1
Macia como o veludo
Tua pele de setim—1

QUADRO DE HONRA

Sant'Ana—Varco Lino—Dr.
Essejê—Pam—Baal—Putão—
Amom Rã—Violeta—Dois Lri-
cos—S. Falo—S. Sillol—Dama
Oculta—Gl a Girão—Do 46—F.
Tavira—Luz do Mar—Zé Tuar-
dú—Felitro—N ves Tezo—Za-
rita—Sempre fixe—A abral-
Serrot—Tia Jolina—D. Es; Ina-
fre—Mário A. S. Pinto—Dr.
Pirlau—Euc outro—Seugirdur
—Pereira & Machado.

Campeões decifradores do pe-
nultimo numero

ENIGMA PITORESCO



D. PEPINO II

E tu propria és tão formosa
Como Venus não seria.
Tão «afavel» e tão meiga
Como a Virgem Maria.

«Amon-Rd»

(do Spingts Club)

LOGOGRIFO

(Versos do Conde de Sabugosa—«A Pa-
deirinha»)

Os olhos sensuaes da padeirinha,
E a pele cõr de rosa, aveludada, 2-7
14-6.

Com penugem doirada que a farinha
Cobria de finissima camada,

O Ienco branco, em pregas, atraente,
Crusado sobre o peito tentador
Tinham feito falar timidamente 12-8
-6-13-10-9.

O virgem coração do professor,
Que ao passar de manhã, quando ia á
escola
E que a via risonha no balcão 1-9-12
-11-3-13.

Com uma alegria viva d'espanhola 5-
14-13-3-4-8.

De manga arregaçada a vender pão,

Tinha appetites doidos de mandar
A todos os diabos o latim, 3-16-15-
13-3.

Invadir o balcão, de ir amassar,
De ser padeiro com padeira assim.

Os repiques de sinos anunciam
Que a padeira casou com o namorado.
Ao «professor» os olhos se anuviavam
E lá se vae á escola acabrunhado.

A' noite no seu quarto, quando o es-
maga
A soldão, e que o clume o gela,
Consola-se afagando a idela vaga
«De» ensinar «enigmas» a um filho d'ela.

Stigma